

# NOORA ROBERTS



## O VALE DO SILÊNCIO

*Tradução de Fernanda Semedo*

*A presente obra respeita as regras  
do Novo Acordo Ortográfico.*



**CHÁDASCINCO**  
Livros com sexto sentido



*Para o meu próprio círculo,  
amigos e família*



*Sabemos que o bem e o mal, no terreno deste mundo,  
crescem quase inseparavelmente juntos.*

JOHN MILTON

*Não presumas que sou aquilo que fui.*

SHAKESPEARE





**H**avia imagens no lume. Dragões e demónios e guerreiros. As crianças podiam vê-las, tal como ele. O velho sabia que os muito jovens e os muito velhos viam, frequentemente, coisas que os outros não conseguiam ver. Ou não queriam.

Já lhes contara uma grande parte da história. Começara pelo feiticeiro que fora convocado pela deusa Morrigan. Hoyt, da família dos Mac Cionaoith, fora incumbido pelos deuses de viajar para outros mundos, para outras épocas, e de reunir um exército que se opusesse à rainha dos vampiros. A grande batalha entre humanos e demónios teria lugar no dia da festa do Samhain, no Vale do Silêncio, na terra de Geall.

Falara-lhes de Cian, o irmão do feiticeiro, morto e transformado pela astuta Lilith, que já existia como vampira há cerca de um milhar de anos quando transformou Cian num dos da sua espécie. Perto de outro milhar de anos passaria antes de Cian se juntar a Hoyt e à bruxa Glenna para criar os primeiros elos do círculo dos seis. Os elos seguintes foram formados por dois naturais de Geall, o metamorfo e a erudita, que viajaram através dos mundos para se juntarem aos outros naqueles primeiros dias. O círculo ficou completo quando se lhes reuniu a guerreira, uma caçadora de demónios do sangue dos Mac Cionaoith.

As histórias que lhes contara eram de batalhas e de coragem, de morte e de amizade. E de amor. O amor que florescera entre o feiticeiro e a bruxa, e entre o metamorfo e a guerreira, fortalecera o círculo como a verdadeira magia deve fazer.

Porém, havia mais para contar. Triunfos e perda, medo e bravura, amor e sacrifício — e tudo o que acompanhava as trevas e a luz.

Enquanto as crianças esperavam por mais, ele interrogava-se sobre a melhor maneira de começar a contar a última parte da história.

— Eram seis — disse o velho, continuando a fitar o lume enquanto os murmúrios das crianças se silenciavam e elas, ansiosas, paravam de se remexer. — E cada um deles podia escolher aceitar ou recusar. Porque, mesmo quando os mundos estão nas nossas mãos, temos de escolher enfrentar aquilo que os destruirá, ou virar-lhe as costas. E, a par desta escolha — continuou, — há muitas outras escolhas a fazer.

— Eles eram valentes e verdadeiros — gritou uma das crianças. — Escolheram lutar!

O velho esboçou um sorriso.

— E assim fizeram. Contudo, todos os dias, todas as noites do tempo que lhes fora concedido, essa escolha permaneceu e teve de ser renovada. Um deles, lembrais-vos, já não era humano, mas sim vampiro. Todos os dias, todas as noites do tempo que lhes fora concedido, ele era recordado do facto de já não ser humano. Não era mais que uma sombra nos mundos que escolhera proteger. — Então — contou o velho, — o vampiro sonhava.





## CAPÍTULO 1

**E**le sonhava. E, sonhando, ainda era homem. Jovem, talvez tolo, inegavelmente arrebatado. Pudera, se aquilo que acreditava ser uma mulher possuía tamanha beleza e encanto

Usava um vestido magnífico, num tom escuro de vermelho, com mangas compridas e amplas, demasiado elegante para um *pub* de aldeia. Como um clarete de qualidade, vertia-se sobre as suas formas e destacava-lhe o brilho puro da pele branca. Os cabelos eram dourados e os caracóis cintilavam em contraste com o toucado.

O vestido, o porte, as joias que lhe brilhavam no pescoço, nos dedos, indicavam-lhe que era uma senhora de meios e estilo.

Ele pensou, sob a luz débil do bar, que ela era como uma chama a arder nas sombras.

Antes da sua entrada triunfal, duas criadas tinham providenciado uma sala privada para a ceia, e a sua mera presença silenciara as conversas e a música. Porém, os seus olhos, azuis como o céu estival, haviam encontrado os dele. Apenas os dele.

Quando uma das criadas voltou a sair para lhe anunciar que a senhora pedia que ceasse com ela, não hesitou.

Porque haveria de o fazer?

Podia ter sorrido aos comentários bem-humorados dos homens com quem estava a beber, mas abandonou-os sem pensar duas vezes.

Ela estava de pé, à luz das velas e da lareira, servindo vinho nos copos.

— Estou tão contente — disse — por terdes concordado em fazer-me companhia. Odeio jantar sozinha, vós não? — Avançou para ele, os seus

movimentos tão graciosos que quase parecia flutuar. — Chamo-me Lilith. — E ofereceu-lhe vinho.

Havia algo de exótico no seu discurso, uma cadência que fazia pensar em areia quente e vinhas em fúria. Ele estava já meio seduzido e completamente encantado.

Partilharam a refeição simples, embora ele não tivesse apetite de comida. Eram as suas palavras que devorava. Ela falou das terras por onde viajara, terras sobre as quais ele apenas lera. Caminhara ao luar entre as pirâmides, contou-lhe, cavalgara pelas colinas romanas e contemplara os templos derruídos da Grécia.

Ele nunca saíra da Irlanda, e as suas palavras, as imagens que evocavam, eram quase tão excitantes como ela própria.

Ele julgava-a demasiado jovem para já ter feito tanta coisa, porém, quando lho disse, ela limitou-se a sorrir por cima do copo.

— Para que servirão os mundos — perguntou — se não os desfrutarmos? Eu desfrutarei de muito mais. Vinho para beber, comida para saborear, terras para explorar. Sois jovem — acrescentou com um sorriso lento e cúmplice — para vos contentardes com tão pouco. Não desejais ver além do que já vistes?

— Tenho ideia de tirar um ano, talvez, quando puder, para ver mais do mundo.

— Um ano? — Com uma gargalhadinha, ela estalou os dedos. — Eis um ano. Nada, um piscar de olhos do tempo. Que faríeis se dispusésseis de uma eternidade? — Quando se inclinou para ele, os seus olhos eram como a superfície de mares azuis. — Que faríeis com ela?

Sem esperar pela resposta, ergueu-se e encaminhou-se para a janelinha, deixando atrás de si um rasto do seu aroma.

— Ah, a noite é tão suave. Como seda a escorrer na pele. — Virou-se com um brilho naqueles intensos olhos azuis. — Sou uma criatura da noite. E julgo que vós também. Nós, e os que são como nós, encontramos-nos à noite no nosso melhor.

Ele levantara-se ao mesmo tempo que ela e, agora que ela se reaproximava, o seu cheiro e o vinho percorriam-lhe os sentidos. Contudo, existia algo mais, algo espesso e fumarento, que lhe nublava a mente como uma droga.

Ela inclinou a cabeça para cima e para trás, depois colou a boca à dele.

— Se é à noite que estamos no nosso melhor, porquê passar sozinhos as horas de escuridão?

E, no sonho, aquilo era como um sonho, enevoado e confuso. Estava na carruagem dela, tomando-lhe nas mãos os seios brancos, a boca dela

quente e ávida sobre a dele. Ela riu-se quando ele lhe mexeu desajeitadamente no vestido, e abriu as pernas num convite sedutor.

— Mãos fortes — murmurou. — Um rosto agradável. É daquilo que preciso, e preciso, e tomo. Fazes-me a vontade? — Com outra gargalhadinha, mordiscou-lhe a orelha. — Fazes? Fazes, jovem e belo Cian das mãos fortes?

— Sim! Claro que sim. — Ele pensava unicamente em mergulhar nela. Quando o fez, com a carruagem a balançar loucamente, ela tombou a cabeça para trás em abandono.

— Sim! Sim! Sim! Tão forte, tão quente. Dá-me mais, mais! E eu levar-te-ei além de tudo o que conheces.

Enquanto se afundava nela e a sua respiração acelerava ao aproximar-se do clímax, ela tombou novamente a cabeça para trás.

Os seus olhos já não eram azuis e atrevidos, mas sim vermelhos e ferozes.

Acometido pelo choque, tentou recuar quando, subitamente, os braços dela o embrulharam, implacáveis como correntes de ferro. Enrolou-lhe as pernas em volta da cintura, mantendo-o preso dentro dela. Enquanto ele se debatia contra a sua força impossível, ela sorriu e as presas brilharam no escuro.

— Que és tu? — Não havia preces na cabeça dele; o medo não lhes deixava espaço. — Que és tu?

As ancas dela continuavam a subir e a descer, cavalgando-o, levando-o indefeso até perto do clímax. Ela segurou-lhe o cabelo com o punho fechado e puxou-lhe a cabeça para trás, expondo-lhe a garganta.

— Magnífico — disse. — Eu sou magnífica, tu também o serás.

Investiu, rompendo-lhe a carne com as presas. Ele ouviu o próprio grito. Algures, na loucura e na dor, ouviu-o. O ardor era indizível, queimando através da pele, impregnando-se no sangue, para além dos ossos. E, combinado com isso, escorregando através disso, sentia um prazer terrível.

Veio-se na escuridão rodopiante e vibrante, traído pelo corpo que mergulhava para a morte. Continuava, porém, a lutar, uma parte dele tentava com todas as forças abrir caminho para a luz, para a sobrevivência. Mas a dor, o prazer, arrastaram-no mais profundamente para o abismo.

— Tu e eu, meu lindo. Tu e eu. — Ela recuou, segurando-o nos braços. Com a unha, abriu um golpe superficial no seio, para que o sangue lhe escorresse daí da mesma maneira horrível que lhe escorria dos lábios. — Agora, bebe-me. Bebe-me, e serás para sempre.

Não. Os lábios dele recusavam-se a formar a palavra que lhe gritava na mente. Sentindo a vida a esvaír-se, lutou debilmente para se agarrar a ela.

Quando Lilith lhe puxou a cabeça para os seios, debateu-se com as últimas forças que lhe restavam.

Depois provou-o, o sabor rico e embriagador que fluía dela. A vida transbordante que continha. E, como um bebê no seio da mãe, bebeu a própria morte.

O vampiro acordou na escuridão absoluta, no silêncio absoluto. Era assim há tanto tempo, desde que fora transformado: acordava a cada pôr-do-sol sem nada que agitasse o ar, nem mesmo o som do seu coração a bater.

Embora tivesse tido este sonho vezes incontáveis, ao longo de anos incontáveis, a sua queda da beira do penhasco continuava a perturbá-lo. Ver-se a si mesmo como fora, ver o seu próprio rosto — que não revira acordado desde essa noite, punha-o nervoso.

Não se queixava do seu destino. Essa seria uma ocupação inútil. Aceitava e desfrutava daquilo que era e, ao longo da sua eternidade pessoal, acumulara riqueza, mulheres, conforto, liberdade. Que mais poderia um homem querer?

Não ter batimento cardíaco era um preço baixo a pagar, no esquema mais vasto das coisas. Um coração que batesse envelhecia e enfraquecia e, em qualquer caso, acabaria por parar, como um relógio avariado.

Quantos corpos vira decaírem e morrerem ao longo dos seus noventa e nove anos de existência? Era impossível contá-los. E, embora não pudesse ver o reflexo do próprio rosto, sabia que era o mesmo da noite em que Lilith o matara. Os ossos continuavam fortes e a pele que os cobria era firme, suave e sem rugas. A sua visão era penetrante e os olhos não tinham perdido intensidade. Não havia, nem haveria nunca, um laivo de cinzento nos seus cabelos, nem papadas descaídas.

Talvez houvesse ocasiões, no escuro, em privado, em que usava os dedos para perceber o rosto. Ali estavam os pómulos, altos e proeminentes, a ligeira fenda no queixo, os olhos encovados, que sabia serem de um azul intenso. O nariz afilado, a curva firme dos lábios.

O mesmo. Sempre o mesmo. Ainda assim, permitia-se uma breve indulgência para, durante um momento, se recordar de si.

Ergueu-se no escuro, o corpo nu, esguio e musculado, e puxou para trás os cabelos pretos que lhe emolduravam o rosto. Nascera Cian Mac Cionaoith e, desde então, respondera por vários nomes. Tornara a Cian — por culpa do irmão. Hoyt nunca lhe chamaria outra coisa e, visto que a guerra que concordara em travar podia significar a sua morte, Cian decidiu que era apropriado usar o seu nome de nascimento.

Ele preferia não morrer. Na sua opinião, só os loucos ou os muito jovens consideravam a morte uma aventura. Contudo, se fosse esse o seu destino, neste tempo e neste lugar, pelo menos morreria com estilo. E se houvesse alguma justiça no mundo, Lilith transformar-se-ia em poeira juntamente com ele.

Sendo a sua visão tão apurada como os seus outros sentidos, moveu-se facilmente na escuridão, dirigindo-se à cómoda onde guardava os pacotes de sangue que trouxera da Irlanda. Aparentemente, os deuses tinham decidido permitir que o sangue, assim como o vampiro que precisava dele, viajasse através dos mundos a partir do seu círculo de pedras.

Porém, era sangue de porco. Há séculos que Cian não se alimentava de humanos. Uma escolha pessoal, cogitou, abrindo o pacote e vertendo o seu conteúdo para uma chávena. Uma questão de vontade, pensou, e, já agora, de maneiras. Vivia entre as pessoas, negociava com elas, dormia com elas quando lhe apetecia. Parecia-lhe rude alimentar-se delas.

Em todo o caso, descobrira que seria mais simples viver como gostava, manter-se fora do radar, se não matasse todas as noites qualquer alma desventurada. Alimentar-se de vida proporcionava um desafio e um sabor que nada igualava, mas também era um negócio complicado.

Acostumara-se ao sabor mais banal do sangue de porco e à conveniência de o ter ao alcance da mão, em vez de sair e caçar qualquer coisa sempre que a fome o agitava.

Bebeu o sangue como um homem beberia o seu café matinal — por hábito e pela necessidade de energia ao acordar. Clarificava-lhe a mente e punha-lhe o sistema a funcionar.

Não se preocupou com as velas nem a lareira enquanto se lavava. Não se podia considerar excessivamente satisfeito com o seu alojamento em Geall. Castelo ou não, achava-se deslocado naquela atmosfera medieval, tanto quanto Glenna e Blair.

Já vivera aquela época uma vez, e uma vez era suficiente para qualquer pessoa. Preferia — de longe — as conveniências diárias do saneamento doméstico, da eletricidade e, já agora, da maldita loja de comida chinesa para levar.

Sentia a falta do seu carro, da sua cama, do raio do micro-ondas. Sentia a falta da vida e dos sons da vida na cidade, e de tudo o que esta oferecia. Seria um grande pontapé no rabo que o destino lhe dava se tivesse de morrer ali, num mundo diferente, mas na época da sua origem.

Vestiu-se e saiu do quarto, na direção dos estábulos e do seu cavalo.

Havia pessoas por ali, criados, guardas, cortesãos, que viviam e trabalhavam no castelo de Geall. A maioria evitava-o, desviando o olhar, apressando o passo.

Alguns faziam o sinal da cruz atrás das costas. Isso não o incomodava. Sabiam o que ele era — e tinham visto do que as criaturas como ele eram capazes quando Moira, a gladiadora erudita, lutara com uma no campo de jogos.

Fora uma boa estratégia, pensava ele agora, Moira ter-lhe pedido para, juntamente com Blair e Larkin, caçar os dois vampiros que haviam matado a sua mãe, a rainha. Moira compreendera a importância, o valor de lhe levarem vampiros vivos, para o povo poder ver o que eles eram. E verem a própria Moira lutar com um e matá-lo, provando ser uma guerreira.

Dentro de semanas, ela conduziria o seu povo à guerra. Quando uma terra estivera em paz durante tanto tempo quanto Geall tinha a reputação de ter estado, era necessário um líder forte, com caráter, para transformar agricultores e mercadores, damas de honor e conselheiros enferrujados em soldados.

Não tinha a certeza de que ela estivesse à altura da tarefa. Era suficientemente corajosa, meditava enquanto se escapulia do castelo e atravessava o pátio que ia dar aos estábulos. E mais do que suficientemente brilhante. E também era verdade que aperfeiçoara consideráveis capacidades de luta nos últimos dois meses. Sem dúvida que, desde que nascera, fora treinada em questões de Estado e protocolo, e possuía uma mente inteligente e aberta.

Em paz, imaginava, governaria bastante bem o seu pequeno e bonito mundo. Porém, em guerra, um governante era, além de uma figura de proa, um general.

Se dependesse dele, deixaria Riddock, o tio, continuar a governar. Porém, poucas daquelas questões dependiam dele.

Ouviu-a antes de a ver, e cheirou-a ainda antes. Cian quase deu meia-volta para fugir pelo caminho por onde tinha vindo. Era mais um aborrecimento, dar de caras com a mulher quando estivera a pensar nela.

O problema era pensar nela demasiadas vezes.

Evitá-la não era opção, pois estavam inexoravelmente ligados naquela guerra. Esquivar-se agora, sem que ela o visse, seria simples. E covarde. O orgulho, como sempre, recusou-se a deixá-lo tomar o caminho mais fácil.

Tinham alojado o seu cavalo no extremo do estábulo, a duas baias de distância de qualquer dos outros. Ele compreendia e tolerava o facto de os moços de estrebaria e os ferradores recearem cuidar do cavalo de um demónio. Também sabia que eram Larkin e Hoyt que cuidavam e alimentavam de manhã o seu temperamental *Vlad*.

Parecia que agora Moira assumira o encargo de estragar o animal com mimos. Levava-lhe cenouras, viu Cian, e balançava uma no ombro, incentivando *Vlad* a mordê-la.

— Tu sabes que a queres — murmurava ela. — É tão saborosa. Só tens de vir buscá-la.

Ele pensaria o mesmo acerca da mulher, cogitou.

Usava uma túnica por cima de um vestido de linho, pelo que percebeu que os seus treinos desse dia estavam terminados. Mesmo assim, para uma princesa, vestia com simplicidade, num azul discreto e apenas com um vislumbre de renda no corpete. Usava a cruz de prata, uma das nove que Hoyt e Glenna haviam conjurado. Tinha o cabelo solto, todo aquele castanho brilhante caindo-lhe pelas costas até à cintura, e estava coroada com o fino aro do seu ofício.

Não era bonita. Ele obrigava-se a recordá-lo muitas vezes, quase tantas como as que pensava nela. Era, quando muito, engraçadinha. Delgada e de constituição pequena, com feições insignificantes. Exceto os olhos. Eram grandes e dominavam-lhe o rosto. Cinzento-pomba quando estava tranquila, pensativa, a escutar. Fumo do inferno, quando estava excitada.

Ele tivera a sua dose de grandes beldades no seu tempo — como qualquer homem sensato e capaz teria, se dispusesse de alguns séculos. Ela não era bonita, mas ele não conseguia, por mais esforço que fizesse, tirá-la da cabeça.

Sabia que poderia tê-la se dedicasse um pouco desse esforço à sedução. Ela era jovem, inocente e curiosa e, portanto, muito suscetível. Sabia que teria mais êxito seduzindo uma das damas de companhia, se pretendesse entretenimento, companheirismo, alívio.

Já tivera a sua dose de inocência há muito tempo, tal como tivera a sua dose de sangue humano.

O seu cavalo, contudo, parecia ter menos força de vontade. Bastaram alguns momentos para *Vlad* baixar a cabeça e tirar a cenoura do ombro de Moira.

Ela riu-se e acariciou-lhe as orelhas, enquanto o cavalo mastigava.

— Então, não foi assim tão difícil, pois não? Eu e tu somos amigos. E sei que às vezes te sentes sozinho. Não nos sentimos todos?

Estava a pegar noutra cenoura quando Cian saiu das sombras.

— Se o transformares num cachorrinho, que espécie de cavalo de guerra será, chegando o Samhain?

Ela estremeceu, depois ficou tensa. No entanto, quando se virou para Cian, o seu rosto mostrava-se controlado.

— Com certeza que não te importas, pois não? Ele gosta tanto de uma guloseima de vez em quando.

— Não gostamos todos? — murmurou ele.

Apenas um rubor muito leve nas bochechas denunciou o seu embaraço por ter sido ouvida.

— O treino hoje correu bem. Estão a chegar pessoas de todo o território de Geall. Há tantos a querer lutar que decidimos estabelecer uma segunda área de treino nas terras do meu tio. O Tynan e o Niall trabalharão aí.

— E o alojamento?

— Está a tornar-se complicado. Alojaremos aqui o máximo que conseguirmos, assim como nas propriedades do meu tio. Temos a pousada e muitos dos agricultores e arrendatários das redondezas já estão a albergar familiares e amigos. Não recusaremos ninguém, arranjaremos maneira.

Ela dedilhando a cruz enquanto falava. Não, pensou Cian, por o temer, mas por hábito nervoso.

— Também temos de pensar na comida. Muitos tiveram de deixar as colheitas e o gado para trás. Enfim, havemos de nos arranjar. Já comeste? — Corou um pouco mais assim que proferiu as palavras. — O que quero dizer é que há uma ceia no salão, caso...

— Sei o que queres dizer. Não. Decidi primeiro ver o cavalo, que parece bem tratado e alimentado. — Na sequência destas palavras, *Vlad* encostou a cabeça ao ombro de Moira. — E mimado — acrescentou.

Ela juntou as sobrancelhas, como ele sabia que costumava fazer quando estava aborrecida ou pensativa.

— São só cenouras, e fazem-lhe bem.

— Por falar em comida, precisarei de mais sangue dentro de uma semana. Trata de que não desperdicem o sangue dos próximos porcos que matarem.

— Com certeza.

— E não é que és fria?

Desta vez, um muito débil laivo de irritação atravessou-lhe o rosto.

— Ficas com o que precisares do porco. Não vou torcer o nariz por causa de uma fatia de bacon, pois não? — Meteu-lhe a última cenoura na mão e começou a ir-se embora.

Depois deteve-se.

— Não sei como consegues irritar-me tão facilmente. Quer tenhas essa intenção, quer não. E não. — Levantou uma mão. — Não me parece que queira saber a resposta. Mas gostaria de falar contigo um minuto ou dois acerca de outra coisa.

Não, não era possível evitá-la, recordou.

— Tenho um minuto ou dois.

Ela olhou em redor dos estábulos. Naqueles lugares, não eram só os cavalos que tinham ouvidos.

— Pergunto-me se poderias dispor desse minuto ou dois para passes-ares comigo. Quero que isto fique em privado.



Ele encolheu os ombros e, depois de dar a *Vlad* a última cenoura, juntou-se a Moira e saíram dos estábulos.

— Segredos de Estado, Sua Alteza?

— Porque tens de gozar comigo?

— Por acaso, não estava a gozar. Estás irritável esta noite, não estás?

— Pode ser que esteja. — Empurrou para trás o cabelo que se lhe espalhava em cima do ombro. — Com a guerra e o fim dos tempos, e as questões práticas de lavar roupa de cama e fornecer comida a um exército, pode ser que esteja um pouco irritável.

— Delega.

— É o que estou a fazer. Mesmo assim, colocar as tarefas nas mãos de outros requer tempo e reflexão — encontrar as pessoas certas, explicar-lhes o que tem de ser feito. E não era sobre isto que queria falar contigo.

— Senta-te.

— O quê?

— Senta-te. — Ele pegou-lhe no braço, ignorando a maneira como os músculos dela ficavam rígidos na sua mão, e empurrou-a para um banco. — Senta-te, dá descanso aos pés, já que não desligas esse cérebro ocupado nem por cinco minutos.

— Não me lembro da última vez que tive uma hora só para mim e um livro. Bem, na verdade, lembro. Foi na Irlanda, em tua casa. Sinto a falta dos livros, do seu silêncio.

— Precisas de tirar essa hora, de vez em quando. De outra forma, ficas esgotada, o que não será bom para ti nem para ninguém.

— Sinto as mãos tão cheias que me fazem doer os braços. — Olhou para as mãos que repousavam no regaço e suspirou. — E pronto, lá estou eu outra vez! Como é que a Blair diz? Queixinhas, queixinhas, queixinhas!

Conseguiu arrancar-lhe uma gargalhada e virou a cara para lhe sorrir.

— Desconfio que Geall nunca teve uma rainha como tu.

E o sorriso dela esmoreceu.

— Não, tens razão. Em breve veremos. Amanhã, assim que clarear, iremos até à pedra.

— Estou a ver.

— Se conseguir erguer a espada, como a minha mãe fez quando foi a vez dela, e o seu pai, na sua vez, e assim até ao primeiro, Geall terá uma rainha como eu. — Olhou por cima dos arbustos, para os portões. — Geall não terá escolha. E eu também não.

— Desejavas que fosse diferente?

— Não sei o que desejo, então, não desejo nada — a não ser que tudo esteja feito e acabado. Depois poderei fazer... bem, o que precisar de ser feito a seguir. Queria dizer-te. — Desviou o olhar do que quer que via na sua

mente e voltou a fitá-lo. — Gostaria que arranjassemos maneira de fazer isto à noite.

Olhos doces, pensou ele, e tão sérios.

— É demasiado perigoso realizar qualquer espécie de cerimónia depois do pôr-do-sol fora das muralhas do castelo.

— Eu sei. Todos os que quiserem assistir ao rito podem fazê-lo. Tu não podes, eu sei. E tenho pena, parece-me errado. Sinto que o círculo dos seis devia estar completo numa ocasião destas. — Voltou a segurar a cruz.

— Sei que Geall não é vosso, mas este momento é importante para o que vem a seguir. Mais do que eu sabia antes. Mais do que podia ter sabido.

Inspirou tremulamente.

— Eles mataram o meu pai.

— Que dizes?

— Tenho de recomeçar a andar, não posso ficar sentada. — Levantou-se rapidamente, esfregando os braços para os aquecer da frialdade súbita do ar e do seu sangue. Atravessou o pátio até um dos jardins.

— Não disse a ninguém, e não tinha intenção de te dizer. Com que objetivo? E não tenho provas, apenas sei.

— Sabes o quê?

Percebeu que era mais fácil falar com ele do que pensara, porque ele também estava interessado.

— Um dos que matou a minha mãe, que trouxeste para aqui. Aquele com quem lutei. — Ergueu uma mão, e ele viu-a recuperar a compostura habitual. — Antes de o matar, ele disse qualquer coisa acerca do meu pai e de como este morreria.

— Provavelmente estava a tentar emocionar-te, para perderes a concentração.

— E consegui, mas foi mais do que isso, percebes? Eu sei, dentro de mim. — Olhando-o, ela encostou uma mão ao coração. — Soube-o quando olhei para aquele que matei. Não foi só a minha mãe, foi também o meu pai. Acho que a Lilith os mandou para cá desta vez porque tinham tido êxito anteriormente. Quando eu era criança.

Ela continuava a caminhar, a cabeça inclinada sob o peso dos pensamentos, o seu aro brilhando à luz dos archotes.

— Pensou-se que fora um urso enlouquecido. Ele andava a caçar nas montanhas. Mataram-no, e também ao irmão mais novo da minha mãe. O meu tio Riddock não foi, porque a mulher estava quase a dar à luz. Eu...

Interrompeu-se ao ouvir passos, mantendo o silêncio até o ruído destes desaparecer.

— Aqueles que os encontraram e trouxeram para casa pensaram que tinham sido animais. E tinham razão — continuou, agora com aço na voz.

— Mas estes caminhavam como homens. Ela enviou-os para o matarem, para eu ser a única filha.

Virou-se para ele, com a luz do archote a banhar-lhe de vermelho o rosto pálido.

— Nessa altura, talvez a Lilith apenas soubesse que o governante de Geall faria parte do círculo. Ou, nessa altura, talvez fosse mais fácil matá-lo do que a mim, pois sendo ainda um bebé, era estreitamente vigiada. Haveria muito tempo para os assassinos voltarem e me matarem. Em vez disso, mataram a minha mãe.

— Os que o fizeram estão mortos.

— Isso serve de consolo? — perguntou, e pensou que era provavelmente o que ele lhe oferecia. — Não sei o que sentir. Só sei que ela me tirou os meus pais. Tirou-nos para impedir aquilo que não pode ser impedido. Defrontar-nos-emos com ela no campo de batalha em vindo o Samhain, porque assim tem de ser. Quer eu lute como rainha, quer não, lutarei. A Lilith matou-os para nada.

— E não podias ter feito nada para o evitar.

Sim, consolo, pensou outra vez. Curiosamente, foi o que o seu comentário sucinto lhe deu.

— Rezo para que seja verdade. Sei, porém, por aquilo que foi feito, por aquilo que não foi feito, por aquilo que tem de ser, que o que acontecer amanhã é mais importante que um rito e um ritual. Quem erguer aquela espada amanhã conduzirá esta guerra, e empunhá-la-á com o sangue dos meus pais assassinados. Ela não conseguiu evitá-lo. Não pode evitá-lo.

Deu um passo atrás e apontou para cima.

— Vês as bandeiras? O dragão e o *claddaugh*. Os símbolos de Geall desde a sua fundação. Antes de levarmos isto a cabo, pedirei que icem mais um.

Ele pensou em todos os que ela podia escolher — uma espada, uma estaca, uma seta. E, depois, soube. Não seria uma arma, não seria um instrumento de guerra e de morte, mas um símbolo de esperança e resistência.

— Um sol, espalhando a sua luz sobre o mundo.

A surpresa e, logo a seguir, o prazer iluminaram-lhe o rosto.

— Sim. Tu compreendes a minha ideia e a minha necessidade. Um sol dourado na bandeira branca, para representar a luz, os amanhã pelos quais lutamos. Este sol, dourado como a glória, será o terceiro símbolo de Geall, um que eu lhe trago. E diabos para ela. Para ela e o que trouxe para cá.

Agora corada, Moira inspirou profundamente.

— Tu és um bom ouvinte e eu falo de mais. Deves entrar. Os outros estarão a reunir-se para a ceia.

Ele tocou-lhe com uma mão no braço para a deter.

— Antes pensava que serias uma má rainha em tempo de guerra. Acredito que foi uma das poucas vezes em que me enganei.

— Se a espada for minha — disse ela, — estarás enganado.

Ocorreu-lhe ao entrar em casa que acabavam de partilhar a conversa mais longa nos dois meses em que se conheciam.

— Tens de dizer aos outros. Tens de lhes dizer aquilo em que acreditas em relação ao teu pai. Se isto é um círculo, não deve ser enfraquecido por segredos.

— Tens razão. Sim, tens toda a razão.

Seguia agora à frente dele, de cabeça erguida e olhos límpidos.



## CAPÍTULO 2

**E**la não dormiu. Como podia uma mulher dormir naquela que era essencialmente, na ideia de Moira, a última noite da sua vida? Se, de manhã, fosse o seu destino libertar a espada da sua bainha de pedra, seria rainha de Geall. Como rainha, regeria, governaria e reinaria, tarefas para as quais fora educada desde que nascera. Mas, como rainha, na próxima madrugada e nas que se seguiriam, conduziria o seu povo à guerra. Se não fosse o seu destino erguer a espada, de boa vontade seguiria outra pessoa para a batalha.

Poderiam algumas semanas de treino preparar alguém para uma ação daquelas, para uma responsabilidade tão pesada? Então, esta noite seria a última em que podia ser a mulher que sempre acreditara que seria, até mesmo a rainha que esperara ser.

O que quer que a madrugada lhe trouxesse, sabia que nada voltaria a ser como antes.

Antes da morte da mãe, acreditara que aquela madrugada estava a muitos anos de distância. Partira do princípio de que, durante anos, desfrutaria da companhia da mãe, do seu conforto e conselhos, anos de paz e de estudo para que, quando o seu momento chegasse, estivesse não só preparada para a coroa, mas fosse também merecedora dela.

Uma parte de si assumira que a mãe reinaria ao longo de décadas e que ela se casaria. Num futuro distante e pouco nítido, um dos seus filhos assumiria a coroa em vez dela.

Tudo se alterara na noite da morte da mãe. Não, corrigiu-se Moira, alterara-se muitos anos antes, quando o pai fora assassinado.

Ou talvez não se tivesse alterado nada, apenas se fora desenrolando à medida que as páginas do destino iam sendo escritas.

Neste momento, apenas podia desejar a sabedoria da mãe, e procurar dentro de si a coragem para usar, quer a coroa, quer a espada.

Encontrava-se agora na parte alta do castelo, sob uma Lua que era como a unha de um polegar. Quando esta voltasse a encher, ela estaria longe dali, na terra fria de um campo de batalha.

Dirigira-se às ameias porque podia ver o campo de jogos iluminado pelos archotes. Dali podia ver e ouvir o barulho do treino noturno. Cian, pensou ela, usava as horas da noite para ensinar homens e mulheres a lutar contra algo mais forte e mais rápido que os humanos. Puxaria por eles até estarem preparados. Tal como puxara por ela e pelos outros do círculo, noite após noite, durante as semanas que tinham passado na Irlanda.

Sabia que nem todos confiavam nele. Alguns receavam-no abertamente, mas não fazia mal. Compreendia que ele não tinha intenção de fazer ali amigos, e sim guerreiros.

Na verdade, ele desempenhara um papel importante na sua própria transformação em guerreira.

Ela pensava compreender a razão que o levava a lutar ao lado deles. Ou, pelo menos, fazia uma vaga ideia das razões que o levavam a arriscar tanto pela humanidade. Em parte, era orgulho, algo que, sabia, ele possuía em abundância. Não se vergaria a Lilith. Em parte, quer o admitisse, quer não, tratava-se de lealdade para com o irmão. E o resto, bem, tinha a ver com coragem e as suas próprias emoções em conflito.

Porque ele tinha emoções, ela sabia-o. Não conseguia imaginar como se debatiam e confundiam dentro dele ao fim de um milhar de anos de existência. As suas próprias tinham-se tornado tão conflituosas e divididas após apenas dois meses de sangue e de morte, que ela quase não se reconhecia.

Como seria para ele, depois de tudo o que vira e fizera, tudo o que ganhara e perdera? Sabia mais que qualquer um dos outros acerca do mundo, dos seus prazeres, das suas dores, dos seus potenciais. Não, não podia imaginar como seria saber tudo o que ele sabia e, ainda assim, arriscar a própria sobrevivência.

O facto de a arriscar, de emprestar o seu tempo e capacidade para treinar as tropas, conquistara o respeito dela. Entretanto, o seu mistério, os seus comos e porquês, continuavam a fasciná-la.

Não tinha a certeza do que ele pensava dela. Mesmo quando a beijara — aquele único momento quente e desesperado —, não tivera a certeza. E perceber o lado íntimo das coisas sempre fora irresistível para ela.

Ouviu passos e, virando-se, viu Larkin aproximar-se.

— Devias estar na cama — disse ele.

— Ficaria a olhar para o teto. A vista daqui é melhor. — Ela pegou-lhe na mão — o seu primo, o seu amigo — e sentiu-se instantaneamente reconfortada. — E porque não estás na tua?

— Vi-te. Eu e a Blair saímos para ajudar um pouco o Cian. — Tal como os dela, os olhos dele perscrutaram o campo lá em baixo. — Vi-te aqui em cima sozinha.

— Esta noite sou má companhia, até para mim própria. Só queria que isto acabasse e viesse o que tem de vir a seguir. Vim aqui acima para ruminar o assunto. — Inclinou a cabeça até ao ombro dele. — Sempre passa o tempo.

— Podíamos ir para o salão familiar. Deixo-te ganhar-me ao xadrez.

— Deixas? Oh, ouçam só! — Ergueu o olhar para ele. Tinha olhos castanhos-dourados, com pestanas longas, como as dela. O sorriso que via neles não conseguia disfarçar a preocupação. — Suponho que me *deixaste* ganhar as centenas de partidas que disputámos ao longo dos anos.

— Achei que era bom para a tua confiança.

Ela riu-se enquanto lhe batia.

— Tenho confiança de que posso ganhar-te ao xadrez nove vezes em cada dez.

— Vamos testar isso.

— Não. — Desta vez beijou-o, afastando-lhe o cabelo alourado do rosto. — Tu vais para a tua cama e para a tua dama, em vez de passares estas horas a distrair-me da minha lamentável disposição. Anda, vamos para dentro. Pode ser que a visão limitada do meu teto, afinal, acabe por me entediar até adormecer.

— Se quiseres companhia, só tens de bater à porta.

— Eu sei.

Tal como sabia que apenas se aconselharia consigo mesma até à primeira luz da madrugada.

Mas não dormiu.

**D**e acordo com a tradição, ela teria de ser vestida e arranjada pelas damas de companhia na última hora antes da madrugada. Embora a tivessem incentivado a vesti-lo, recusou o vestido vermelho. Moira sabia perfeitamente que não era uma cor que a valorizasse, por muito majestoso que fosse. Em vez disso, usou os tons da floresta, um verde-escuro sobre um vestido de baixo de um verde mais claro.

Concordou com as joias. Afinal, tinham pertencido à mãe. Permitiu

que as pesadas pedras de citrina lhe fossem colocadas em volta do pescoço. Mas recusou-se a tirar a cruz de prata.

Usaria o cabelo caído e descoberto, e ficou sentada enquanto as mulheres tagarelavam à sua volta e Dervil o escovava incansavelmente.

— Não vai comer nem um pouco, Alteza?

Ceara, uma das mulheres, tentou novamente impingir-lhe um prato de bolos de mel.

— Depois — disse Moira. — Sentir-me-ei mais equilibrada depois.

Moira pôs-se de pé e sentiu um alívio profundo quando Glenna entrou no quarto.

— Estás maravilhosa! — Moira estendeu-lhe as mãos. Ela própria escolheu os vestidos para Glenna e para Blair, e via agora que fizera uma boa escolha. Porém, pensou, Glenna era tão fascinante que não havia nada que não a valorizasse.

Ainda assim, a escolha de veludo azul-escuro destacava-lhe a pele cremosa e o fogo do cabelo.

— Eu própria me sinto um pouco como uma princesa — disse-lhe Glenna. — Muito obrigada. E tu, Moira, és uma rainha em cada milímetro.

— A sério? — Virou-se para o espelho, mas viu-se apenas a si mesma. Sorriu quando Blair entrou. Para Blair, escolhera castanho-avermelhado, com uma túnica dourado baço. — Nunca te tinha visto com um vestido.

— E um raio de um vestido! — Blair examinou as amigas, e depois a si mesma. — Está a desenrolar-se toda uma história de fadas. — Enfiou os dedos pelo cabelo escuro e curto, para o pôr no lugar.

— Não te importas? A tradição exige uma indumentária muito formal.

— Gosto de ser rapariga. Não me importo de me vestir como uma, mesmo que a moda não seja a da minha época. — Blair avistou os bolos de mel e serviu-se de um. — Nervosa?

— Muito para além disso. Gostaria de ter uns minutos com as senhoras Glenna e Blair — disse Moira às mulheres. Quando elas saíram, Moira atirou-se para a cadeira diante da lareira. — Há uma hora que andam de volta de mim. É cansativo.

— Pareces estoirada. — Blair sentou-se no braço da cadeira. — Não dormiste.

— A minha mente não conseguia descansar.

— Não tomaste a poção que te dei. — Glenna suspirou. — Devias estar repousada para este momento, Moira.

— Precisava de pensar. Não é assim que costuma ser, mas quero que



vocês as duas, assim como o Hoyt e o Larkin, caminhem comigo até à pedra.

— Não era esse o plano? — perguntou Blair, com a boca cheia.

— Fariam parte da procissão, sim. Porém, segundo a tradição, tenho de ir sozinha, à frente. Tem de ser assim, sempre assim foi. Atrás de mim, apenas seguiria a minha família. O meu tio, a minha tia, o Larkin, os meus outros primos. Atrás deles, de acordo com a categoria e a posição, vão os outros. Mas eu quero que caminhem junto da minha família, pois sois minha família. Faça-o por mim e também pelo povo de Geall. Quero que vejam o que vocês são. Tenho pena que o Cian não possa participar.

— Não pode ser feito à noite, Moira. — Blair tocou-lhe no ombro com uma mão. — É demasiado arriscado.

— Eu sei. E, embora o círculo não esteja completo junto da pedra, ele estará nos meus pensamentos. — Levantou-se e dirigiu-se à janela. — A madrugada aproxima-se — murmurou. — E segue-se-lhe o dia.

Virou-se enquanto as últimas estrelas se extinguíam.

— Estou preparada para o que ele trouxe.

A família e as damas de companhia já estavam reunidas lá em baixo. Aceitou o manto que Dervil lhe ofereceu e foi ela mesma quem fechou o alfinete em forma de dragão.

Quando ergueu os olhos da tarefa, avistou Cian. Partiu do princípio de que parara ali um momento, a caminho de se recolher, antes de ver que usava o manto que Glenna e Hoyt haviam encantado para bloquear os mortíferos raios de Sol.

Saiu do lado do tio e aproximou-se dele.

— Farás isto? — perguntou tranquilamente.

— Raramente tenho oportunidade de dar um passeio matinal.

Embora as suas palavras fossem leves, ela sabia o que lhes subjazia.

— Estou contente por teres escolhido esta manhã para dar um.

— A madrugada rompeu — anunciou Riddock. — O povo espera.

Ela limitou-se a acenar com a cabeça e pôs o capuz, como era costume, antes de sair para a primeira luz.

O ar estava fresco e enublado, quase sem uma brisa a agitar os dedos do vapor. Através da cortina de embaciamento que se erguia, Moira atravessou o pátio sozinha, até aos portões, seguida pela comitiva. No silêncio abafado, ouviu o canto dos pássaros da manhã e o sussurro desmaiado do ar húmido.

Pensou na mãe, que percorrera uma vez aquele caminho, numa manhã fresca e enublada. E em todos os outros que, antes dela, haviam transposto os portões do castelo, percorrendo o caminho de terra, por cima de relva verde tão espessa de orvalho que era como passar um rio a vau. Sabia

que outros seguiam atrás dela, comerciantes e artífices, harpistas e bardos. Mães e filhas, soldados e filhos.

O céu, a leste, estava manchado de rosa, e o nevoeiro junto do solo cintilava cor de prata.

Ela sentia o cheiro do rio e da terra, e continuava a subir a colina de inclinação suave, com o orvalho a humedecer-lhe a bainha do vestido.

A pedra situava-se numa colina de conto de fadas, ao abrigo de algumas árvores. O tojo e o musgo cresciam, amarelo pálido e verde sóbrio, sobre as rochas próximas do poço sagrado.

Na primavera, haveria o laranja alegre dos lírios, cabeças de columbina a balançarem e, mais tarde, as doces agulhas das dedaleiras, tudo crescendo no lugar certo.

Por enquanto, as flores dormiam e as folhas das árvores tinham adotado aquele primeiro rubor que lhes pressagiava a morte.

A pedra da espada era grande e branca, em forma de altar, no antigo dólmen cinzento.

Através das folhas e da neblina, os raios de Sol atravessavam a pedra branca e brilhavam no punho de prata da espada aí enterrada.

As mãos dela estavam frias, tão frias.

Toda a sua vida soubera a história. Como os deuses tinham forjado a espada a partir dos relâmpagos, do mar, da terra e do vento. Como a própria Morrigan transportara a espada e o altar de pedra. Ali a enterrara até ao punho e gravara as palavras na pedra com o seu dedo feroz.

EMBAINHADA PELA MÃO DOS DEUSES  
LIBERTADA PELA MÃO DE UM MORTAL  
E ASSIM COM ESTA ESPADA  
DEVE ESSA MÃO GOVERNAR GEALL

Moira deteve-se na base das pedras para reler as palavras. Se os deuses assim o quisessem, aquela mão seria a sua.

Com o manto a varrer a relva molhada de orvalho, caminhou através do sol e da névoa até ao cimo da colina fabulosa. E tomou o seu lugar atrás da pedra.

Pela primeira vez olhou, e viu. Centenas de pessoas, o seu povo, com os olhos nela, espalhavam-se no campo, até lá abaixo, à faixa castanha que era a estrada. Todos eles, se conseguisse erguer a espada, seriam responsabilidade sua. As suas mãos frias queriam tremer.

Acalmou-se, examinando os rostos e aguardando que o trio de homens santos ocupasse o seu lugar atrás dela.

Ainda continuava a chegar gente à última subida, apressando-se para

não perderem aquele momento. Queria ter a respiração estabilizada quando falasse, esperou um pouco mais e permitiu-se encontrar os olhos dos que mais amava.

— Minha senhora — murmurou um dos homens santos.

— Sim. Um momento.

Lentamente, ela desapertou o alfinete e passou a capa para trás. As mangas amplas esvoaçaram quando ela ergueu os braços, mas não sentiu o frio na pele. Sentiu calor.

— Sou uma serva de Geall — disse em voz alta. — Sou uma filha dos deuses. Vim a este lugar para me vergar ao desejo de ambos. Pelo meu sangue, pelo meu coração, pelo meu espírito.

Deu o passo que faltava na direção da pedra.

Não se ouvia agora nenhum ruído. Parecia que até o ar sustinha a respiração. Moira estendeu o braço e enrolou os dedos em torno do punho de prata.

E, oh, enquanto sentia o seu calor, enquanto ouvia algures na sua mente o murmúrio da sua música, pensou, *é minha, claro, e sempre foi.*

Com um sussurro de aço contra pedra, libertou a espada e ergueu-a para o céu.

Sabia que eles festejavam e que alguns choravam. Sabia que, para um homem, eles se baixavam até pôr um joelho no chão. Os olhos dela, porém, estavam fixos naquele ponto e no relâmpago luminoso que descia do céu para o atingir.

Sentiu a luz dentro de si própria, um impulso de calor, cor e força. Sentiu uma queimadura súbita no braço e, como que gravado pelos deuses, formou-se ali o símbolo do *claddaugh*, que a marcava como rainha de Geall. Embalada, fascinada e humilde, baixou o olhar para o seu povo. E os seus olhos encontraram os de Cian.

Tudo o resto pareceu desfazer-se nesse momento, por um momento. Apenas existia ele, o seu rosto ensombrecido pelo capuz do manto, e os seus olhos tão brilhantes e azuis.

Como era possível, pensou, ter o seu destino na mão e ter olhos apenas para ele? Como, encontrar os seus olhos daquela maneira, fazia parecer que encarava ainda mais profundamente o seu próprio destino?

— Sou uma serva de Geall — disse, incapaz de desviar o olhar dele. — Sou uma filha dos deuses. Esta espada é minha, assim como tudo aquilo que ela protege. Sou Moira, rainha guerreira de Geall. Ergam-se e saibam que vos amo.

Ficou imóvel, a espada ainda apontando para cima, enquanto as mãos do homem santo lhe colocavam a coroa na cabeça.

Cian, que não era estranho à magia, fosse negra ou branca, pensou

que nunca vira nada mais poderoso. O rosto dela, tão pálido quando despi-  
ra o manto, florescera quando a sua mão arrancara a espada. Os seus olhos,  
pesados e sombrios, tinham-se tornado tão brilhantes como a sua lâmina.

E, quando ela o fitou, aqueles olhos cortaram através dele, afiados  
como uma espada.

Ali estava ela, pensou Cian, esguia e leve, e tão magnífica como qual-  
quer amazona. Subitamente majestosa, subitamente feroz, subitamente  
bela.

Aquilo que se movia dentro dele não tinha lugar ali.

Deu um passo atrás e virou-se para partir. Hoyt pousou-lhe uma mão  
no braço.

— Deves esperar por ela, pela rainha.

Cian ergueu uma sobrancelha.

— Esqueces que não tenho rainha. E já estou há demasiado tempo  
debaixo deste maldito manto.

Moveu-se rapidamente. Queria afastar-se da luz, do cheiro da huma-  
nidade. Afastar-se do poder daqueles olhos cinzentos. Precisava da frescu-  
ra, da escuridão e do silêncio.

Estava a menos de uma légua de distância quando Larkin apareceu a  
trote junto dele.

— Moira pediu-me para saber se querias boleia.

— Estou bem, mas obrigado.

— Foi fantástico, não foi? E ela estava... bem, brilhante como o Sol.  
Sempre soube que seria ela, mas vê-lo acontecer é outra coisa. Foi rainha no  
momento em que tocou na espada. Era possível vê-lo.

— Se quiser permanecer rainha e ter alguém para governar, é melhor  
que use aquela espada.

— E assim fará. Vá lá, Cian, hoje não é dia para pessimismos. Temos  
direito a algumas horas de alegria e celebração. E de festim. — Com outro  
sorriso, Larkin deu uma cotovelada a Cian. — Ela pode ser rainha, mas  
garanto que o resto de nós comerá hoje como reis.

— Bem, um exército viaja sobre a sua barriga.

— A sério?

— Sim, assim foi dito por... uns e outros. Façam o vosso banquete e a  
vossa celebração. Amanhã, rainhas, reis e camponeses, todos juntos, deve-  
rão preparar-se para a guerra.

— Parece que não temos feito outra coisa. Não estou a queixar-me,  
repara — continuou antes que Cian pudesse falar. — Acho que o problema  
é que estou farto de me preparar para isso e queria que começasse.

— Não tiveste lutas suficientes nos últimos tempos?

— Tenho umas contas a ajustar por causa do que quase aconteceu à

Blair. Ainda tem as costelas doridas e cansa-se mais depressa do que admite. — A sua expressão era dura e sombria ao recordar. — Está a recuperar depressa, porque ela é assim, mas nunca esquecerei como a magoaram.

— É perigoso ir para a batalha com motivos pessoais.

— Tretas. Ou temos todos alguma coisa pessoal a resolver, ou para que serviria? E não me digas que uma parte de ti não irá para a batalha com o que aquela cabra fez ao King na cabeça e no coração.

Como não podia negá-lo, Cian não respondeu.

— Estás a escoltar-me até casa, Larkin?

— Parece que sim. Houve até uma sugestão de lançar o meu corpo sobre o teu, para te proteger da luz do Sol, caso a magia desse manto desapareça.

— Seria agradável. Ficaríamos ambos transformados em tochas.

Disse-o com naturalidade, mas teve de admitir que se sentiu mais aliviado quando penetrou nas sombras do castelo de Geall.

— Também me pediram que te convidasse para o salão familiar, se não estivesses demasiado cansado. Teremos aí um pequeno-almoço privado. A Moira ficaria muito satisfeita se dispensasses pelo menos uns minutos.

**M**oira também teria apreciado passar alguns minutos sozinha. Porém, estava cercada. O caminho de volta para o castelo foi um borrão de movimento e vozes embrulhados em névoa. Sentia o peso da espada na mão e o da coroa na cabeça, mesmo acompanhada pela família e pelos amigos. As felicitações ecoavam pelas colinas e pelos campos, uma celebração da nova rainha de Geall.

— Terás de te mostrar — disse-lhe Riddock. — Do terraço real. É isso que o povo espera.

— Sim. Mas não sozinha. Sei que é assim que tem sido — continuou antes de o tio poder objetar. — Porém, estes tempos são diferentes. O meu círculo estará comigo. — Olhava agora para Glenna, depois para Hoyt e Blair. — O povo verá, não só a sua rainha, mas também aqueles que foram escolhidos para liderar esta guerra.

— És tu que decides o que fazes — disse Riddock com uma ligeira vénia. — Porém, num dia como este, Geall devia estar livre da sombra da guerra.

— Até passar o Samhain, Geall estará sempre sob a sombra da guerra. Todos os geallianos devem saber que, até esse dia, governo com uma espada. E que faço parte de seis escolhidos pelos deuses.

Pousou a mão em cima da dele ao atravessarem os portões.

— Teremos banquetes e celebrações. Aprecio o vosso conselho, como sempre, e mostrar-me-ei, e falarei. Contudo, neste dia, os deuses escolheram, não só a rainha, mas também a guerreira que há em mim. E é o que serei. É o que darei a Geall, até ao meu último fôlego. Não vos envergonharei.

Ele pegou na mão que ela tinha em cima do seu braço e levou-a aos lábios.

— Minha menina doce. Nunca me deste nem darás nada que não seja orgulho. E, a partir deste dia, até ao meu último fôlego, serei o homem da rainha.

Os criados estavam reunidos e ajoelharam quando a comitiva real entrou no castelo. Conhecia-lhes os nomes, os rostos. Alguns tinham servido a sua mãe antes ainda de ela nascer.

Agora, porém, já não era o mesmo. Ela já não era a menina da casa, mas a sua senhora. E a deles.

— Erguei-vos — disse — e sabeis que estou grata pela vossa lealdade e serviço. Sabeis, também, que vós e todo o povo de Geall tereis a minha lealdade e o meu serviço enquanto eu for rainha.

Mais tarde, disse a si mesma, começando a subir as escadas, falaria em particular com cada um. Era importante fazê-lo. Para já, outros deveres a chamavam.

No salão familiar, o lume crepitava. Havia flores, acabadas de cortar do jardim e da estufa, espalhadas por jarras e tigelas. A mesa estava posta com a mais fina prata e cristal, o vinho aguardava que se brindasse a Moira.

Ela respirou uma vez, depois outra, tentando encontrar as palavras que diria, as suas primeiras àqueles que mais amava.

Então, Glenna abraçou-a com simplicidade.

— Foste magnífica. — Beijou ambas as faces de Moira. — Lumino-sa.

A tensão dos seus ombros aliviou.

— Sinto o mesmo, mas não. Percebes?

— Imagino.

— Bom trabalho. — Blair aproximou-se e deu-lhe um abraço rápido.

— Posso vê-la?

De guerreira para guerreira, pensou Moira, e ofereceu-lhe a espada.

— Excelente — disse Blair suavemente. — Tem o peso adequado para ti. Podia esperar-se que estivesse incrustada de joias, ou algo assim. Ainda bem que não está. É bom e apropriado que seja uma espada de batalha e não apenas um símbolo.

— O punho parece ter sido feito para a minha mão. Assim que lhe toquei, senti que era... minha.

— E é. — Blair devolveu-lha. — É tua.

Moira pousou a espada na mesa por um momento para aceitar o abraço de Hoyt.

— O poder que há em ti é cálido e equilibrado — disse-lhe ao ouvido. — Geall tem sorte por ter tal rainha.

— Obrigada. — Soltou uma gargalhada quando Larkin a arrancou do chão e a presenteou com três rodas entontecedoras.

— Olha só para ti. Majestade.

— Troças da minha dignidade.

— Sempre. Mas nunca de ti, *a stór*.

Quando Larkin voltou a depositá-la no chão, ela virou-se para Cian. — Obrigada por vires. Significou muito para mim.

Ele não a abraçou, nem lhe tocou, apenas inclinou a cabeça.

— Era um momento a não perder.

— Um momento mais importante para mim por vocês virem. Todos vocês — continuou, e ia virar-se quando a prima mais nova lhe puxou a saia. — Aideen. — Pegou na criança ao colo e aceitou o beijo molhado. — Estás tão bonita hoje.

— Bonita — repetiu Aideen, estendendo o braço para tocar na coroa incrustada de joias. Virou-se para Cian com um sorriso ao mesmo tempo tímido e malicioso. — Bonita — disse outra vez.

— Uma fêmea astuta — observou Cian. Viu o olhar da menina baixar para o pendente que ele usava e, num gesto distraído, ele ergueu-o para ela lhe tocar.

No momento em que Aideen estendia a mão para ele, a mãe praticamente voou pela sala.

— Aideen, não faças isso!

Sinann arrancou a menina do colo de Moira e apertou-a com força de encontro à barriga, onde crescia o terceiro filho.

No silêncio chocado, Moira não conseguiu mais do que murmurar o nome da prima.

— Nunca tive predileção por crianças — disse Cian friamente. — Peço desculpa.

— Cian. — Com um olhar furioso para Sinann, Moira correu atrás dele. — Por favor. Espera um momento.

— Já tive momentos suficientes esta manhã. Quero a minha cama.

— Peço desculpa. — Ela pegou-lhe no braço, segurando-o com força até ele parar e se virar. Os olhos dele eram duros, como pedras azuis. — A minha prima Sinann é uma mulher simples. Eu falo com ela.

— Não tenhas trabalho por minha causa.

— Senhor. — Pálida como cera, Sinann aproximou-se. — Peço-vos

desculpa, muito sinceramente. Insultei-vos, assim como à minha rainha e aos seus honoráveis hóspedes. Peço desculpas pela tolice de uma mãe.

Sinann lamentava o insulto, pensou Cian, mas não a atitude. A criança estava agora do outro lado da sala, nos braços do pai.

— Aceites. — Dispensou-a quase sem a olhar. — Agora, Majestade, se pudésseis soltar-me o braço.

— Um favor — começou Moira.

— Estás a acumulá-los.

— E estou em dívida — concordou ela sem alterar a voz. — Preciso de ir lá fora, ao terraço. O povo quer ver a sua rainha e, sinto-o, os que constituem o seu círculo. Se me desses mais alguns minutos do teu tempo, ficaria muito grata.

— Sob o maldito Sol.

Ela conseguiu um sorriso e descontraiu quando reconheceu que a frustração do seu tom significava que faria o que lhe pedia.

— Uns momentos. Depois podes ir procurar um pouco de solidão, com a satisfação de saberes que te invejo por isso.

— Então, que seja rápido. Apreciarei um pouco de solidão e de satisfação.

**D**eliberadamente, Moira dispôs Larkin a seu lado — uma figura que Geall amava e protegia, e Cian do outro lado. O estranho que alguns deles temiam. Ter um de cada lado, esperava ela, mostraria ao povo que os considerava iguais e que confiava igualmente em ambos.

A multidão ovacionou-a e gritou o seu nome, com os aplausos a transformarem-se num estrondo quando ergueu a espada. Também esse foi um gesto deliberado para a entregar a Blair, para que esta a segurasse enquanto falava. O povo devia ver que a noiva de Larkin era merecedora de a segurar.

— Povo de Geall! — gritou, mas as ovações continuavam. Vinham em ondas que não diminuíram até ela se aproximar mais do parapeito de pedra e erguer as mãos.

— Povo de Geall, venho até vós como rainha, como cidadã e como protetora. Coloco-me diante de vós, como o fez a minha mãe, como o fez o seu antecessor e todos os outros, que remontam aos primeiros dias. E estou aqui como parte de um círculo escolhido pelos deuses. Não apenas um círculo de governantes de Geall, mas um círculo de guerreiros.

Abriu os braços para abranger os cinco que estavam com ela.

— Com estes que estão comigo, o círculo está formado. Estes são aqueles em quem mais confio e a quem mais amo. Como cidadã, peço-vos



que lhes deem a vossa lealdade, a vossa confiança, o vosso respeito, como o dais a mim. Como vossa rainha, ordeno-vo-lo.

Era obrigada a calar-se regularmente, até os gritos e aplausos voltarem a diminuir.

— Hoje, o Sol brilha em Geall. Mas nem sempre será assim. Aquilo que virá, procura a escuridão, e nós enfrentá-lo-emos. E derrotá-lo-emos. Hoje, celebramos, festejamos, damos graças. Chegando amanhã, continuaremos os nossos preparativos para a guerra. Cada gealliano que possa usar armas, assim o fará. E marcharemos para *Ciunas*. Marcharemos para o Vale do Silêncio. Inundaremos esse terreno com a nossa força e a nossa determinação, e afogaremos na luz aqueles que nos destruiriam.

Estendeu a mão para a espada e voltou a segurá-la ao alto.

— Durante o meu reinado esta espada não ficará, como tem estado desde os primeiros dias, pendurada, tranquila e quieta. Flamejará e tinará na minha mão enquanto luto por vós, por Geall e por toda a humanidade.

O troar de aprovação elevou-se como uma torrente.

Depois houve gritos, e uma seta cruzou os ares.

Antes que ela pudesse reagir, Cian empurrou-a para o chão. Sob os gritos e o caos, ela ouviu o praguejar dele, baixo e regular. E sentiu o seu sangue quente na mão.

— Oh, meu Deus! Foste atingido.

— Não acertou no coração — disse ele entre dentes. Ela viu a dor na sua expressão, enquanto ele se afastava para se sentar.

Quando procurou arrancar a seta que se lhe cravara no flanco, Glenna agachou-se e empurrou-lhe a mão.

— Deixa-me ver.

— Não acertou no coração — repetiu ele, voltando a segurar a seta. Arrancou-a. — Raios partam isto.

— Lá para dentro — disse Glenna bruscamente. — Levem-no para dentro.

— Esperem. — Embora a sua mão tremesse um pouco, Moira segurou o ombro de Cian. — Consegues pôr-te de pé?

— Claro que consigo, julgas que sou o quê?

— Por favor, deixa que te vejam. — A sua mão livre passou-lhe levemente pela bochecha, apenas um instante, como um bater de asas. — Deixa que nos vejam, por favor.

Quando entrelaçou os dedos nos dele, julgou ver algo agitar-se nos seus olhos, e sentiu um movimento gémeo no coração.

Depois, isso desapareceu e a voz dele soou, rouca de impaciência.

— Nesse caso, dá-me algum espaço, caramba!

Ela voltou a pôr-se de pé. Lá em baixo, era o caos. O homem que

supôs ser o assassino era pontapeado e esmurrado por todas as mãos e pés que conseguiam chegar-lhe.

— Esperem — gritou com todas as forças. — Esperem, ordeno-vos, esperem! Guardas! Levem esse homem para o salão grande. Povo de Geall! Vedes que, mesmo neste dia, mesmo quando o Sol brilha por cima de nós, esta escuridão procura destruir-nos. E fracassa. — Segurou a mão de Cian e ergueu-a juntamente com a sua. — Falha porque há, neste mundo, heróis que arriscam as suas vidas pelos outros. — Colocou uma mão no flanco de Cian, sentiu-o estremecer. Depois ergueu a mão ensanguentada. — Ele sangra por nós. E, por este sangue que derramou por mim, por todos vós, ordeno-o *Sir* Cian, Senhor de Oiche.

— Oh, por amor de Deus — murmurou Cian.

— Está calado — disse Moira baixinho, com aço na voz e os olhos na multidão.



### CAPÍTULO 3

— Meio-vampiro — anunciou Blair ao entrar no salão. — Muitas cicatrizes de mordidas. A multidão não o poupou. Um humano normal estaria desfeito depois da sova que apanhou. E ele próprio não se sente muito bem.

— Pode ser tratado depois de eu ter falado com ele. É preciso tratar primeiro do Cian.

Blair olhou por cima do ombro de Moira e viu Glenna fazer um penso no flanco de Cian.

— Como vai ele?

— Zangado e pouco cooperante, por isso parece-me bastante bem.

— Podemos estar todos gratos pelos seus reflexos. Tu portaste-te bem — acrescentou Blair, olhando novamente para Moira. — Mantiveste-te fria e controlada. Primeiro dia difícil no emprego, quase a ser assassinada e tudo, mas portaste-te bem.

— Não suficientemente bem para ter previsto um ataque à luz do dia. Para me lembrar que nem todos os cães da Lilith precisam de um convite para transpor estas paredes. — Pensou como o sangue de Cian correria na sua mão, quente e vermelho. — Não voltarei a cometer este erro.

— Nenhum de nós o fará. Do que precisamos é de arrancar informação a este idiota que a Lilith enviou. Mas há um problema. Ele não fala ou não quer falar inglês. Nem gaélico.

— É mudo?

— Não, não. Ele fala, mas nenhum de nós o compreende. Parece da Europa de Leste. Talvez checo.

— Estou a ver. — Moira voltou a olhar para Cian. Estava em tronco nu, apenas com o penso sobre a pele. O aborrecimento, mais que a dor, ensombrecia-lhe o rosto enquanto bebia de um cálice que ela julgou conter sangue. Embora ele não parecesse na melhor das disposições, ela sabia que estava prestes a pedir-lhe outro favor.

— Dá-me um momento — murmurou para Blair. Aproximou-se de Cian, ordenando a si mesma que não se encolhesse perante o seu quente olhar azul. — É possível fazer mais alguma coisa por ti, para ficares mais confortável?

— Paz, silêncio, privacidade.

Embora cada uma das suas palavras fosse como uma chicotada, ela manteve a calma e a simpatia.

— Lamento, mas esses itens estão bastante racionados de momento. Encomendar-tos-ei assim que puder.

— Sabidinha — murmurou ele.

— É verdade. O homem cuja seta intercetaste fala uma língua estrangeira. O teu irmão disse-me uma vez que sabias muitas línguas.

Ele deu um grande gole, com os olhos deliberadamente fixos nos dela.

— Não é suficiente ter *intercetado* a seta? Agora queres que interrogue o teu assassino?

— Ficaria grata se tentasses ou, pelo menos, servisses de intérprete. Se, de facto, a língua dele for uma das que conheces. Deve haver algumas coisas no mundo que não sabes, pelo que talvez, afinal, possas não me ser útil.

O divertimento brilhou-lhe muito brevemente nos olhos.

— Agora estás a ser má.

— Olho por olho...

— Está bem, está bem. Glenna, minha beldade, para de andar à minha volta.

— Perdeste bastante sangue — começou ela, mas ele limitou-se a erguer o cálice.

— Estou a substituí-lo enquanto falamos. — Com uma leve careta, pôs-se de pé. — Preciso de uma maldita camisa.

— Blair — disse Moira sem alterar a voz, — podes ir buscar uma maldita camisa para o Cian?

— Estou a ir.

— Ganhaste o hábito de me salvar a vida.

— Parece que sim. Estou a pensar em deixar-me disso.

— Não te posso censurar.

— Aqui tens, campeão. — Blair estendeu a Cian uma camisa branca, lavada. — Acho que o tipo é checo, ou talvez búlgaro. Falas alguma destas línguas?

— Por acaso.

Foram para o salão grande, onde se encontrava o assassino, ferido, a sangrar e acorrentado, sob apertada vigilância. A vigilância incluía Larkin e Hoyt. Quando Cian entrou, Hoyt saiu do seu posto.

— Estás bem? — perguntou a Cian.

— Vou indo. E fico contente por ele parecer muito pior que eu. Manda os teus guardas embora — disse para Moira. — Ele não irá a lado nenhum.

— Afastem-se. *Sir* Cian tomará conta da situação.

— *Sir* Cian, o caraças — murmurou, aproximando-se do prisioneiro.

Cian rodeou-o, avaliando-o. O homem era de constituição débil e usava as roupas rudes de um camponês ou de um pastor. Um olho estava fechado com o inchaço, o outro ia do azul ao negro. Perdera alguns dentes.

Cian dirigiu-lhe uma ordem brusca em checo. O homem sobressaltou-se, o seu único olho funcional arregalado de surpresa.

Mas não falou.

— Tu compreendeste — continuou Cian na mesma língua. — Perguntei-te se estavam outros contigo. Não voltarei a perguntar.

Quando o homem lhe respondeu com silêncio, Cian investiu com força suficiente para atirar o prisioneiro contra a parede, juntamente com a cadeira à qual estava acorrentado.

— Por cada trinta segundos de silêncio, magoar-te-ei.

— Não tenho medo da dor.

— Oh, terás. — Cian ergueu a cadeira e o homem, que mantinha a expressão fechada. — Sabes o que sou?

— Sei o que és. — O homem fez um sorriso de desdém com a boca ensanguentada. — Um traidor.

— Esse é um ponto de vista. O importante é lembrares-te que posso infligir-te dor acima daquilo que até os da tua espécie podem suportar. E, já agora, posso manter-te vivo dias ou semanas. E em constante agonia. — Baixou a voz até esta se tornar um sussurro. — Isso dar-me-á prazer. Recomeçemos.

Não se incomodou em formular a pergunta, pois já avisara que não a repetiria.

— Podia usar uma colher — disse, coloquialmente. — Esse olho esquerdo parece dorido. Se tivesse uma colher à mão, podia arrancar-to imediatamente. Claro, também posso usar os dedos — continuou quando viu o olho girar ferozmente. — Mas ficaria com as mãos cheias de porcaria, não é verdade?

— Faz o teu pior — cuspiu o homem, que começara a tremer um pouco. — Nunca trairei a minha rainha.

— Tretas. — Os tremores e os suores indicaram-lhe que este seria fácil e rápido de quebrar. — Não só a trairás antes de eu terminar, como o farás executando uma dança de marinheiros, se to ordenar. Porém, sejam rápidos e diretos, já que todos temos coisas melhores para fazer.

A cabeça do homem dobrou-se para trás quando Cian avançou. Mas, em vez de se lhe atirar à cara, como a sua presa previra, Cian estendeu a mão para baixo e agarrou o pénis do homem. E apertou, até não haver mais nada senão gritos.

— Não há mais ninguém! Estou sozinho! Estou sozinho!

— Certifica-te. — Cian aumentou o aperto. — Se estiveres a mentir, descobrirei. E aí, começarei a cortar esta parte do teu corpo, dois centímetros de cada vez.

— Ela enviou-me só a mim. — Agora chorava, lágrimas e ranho a escorrerem-lhe pela cara. — Só a mim.

Cian diminuiu muito ligeiramente a pressão.

— Porquê?

A única resposta foram respirações ofegantes, ásperas e roucas, e Cian apertou a tenaz dos dedos.

— Porquê?

— Uma pessoa podia introduzir-se facilmente, sem ser notada.

— A lógica disso poupou-te, pelo menos para já, de te transformares num eunuco. — Com grandes passadas, Cian foi buscar uma cadeira. Colocou-a de costas diante do prisioneiro e sentou-se com uma perna para cada lado. E falou em tom coloquial, enquanto o homem gemia.

— Assim é melhor, não é? Civilizado. Quando terminarmos, trataremos dos teus ferimentos.

— Quero água.

— Tenho a certeza que sim. Vamos dar-te alguma. Depois. Para já, falemos um pouco de Lilith.

Levou trinta minutos — e mais duas sessões de dor — antes de considerar que sabia tudo o que o homem tinha para lhe dizer. Cian voltou a pôr-se de pé.

O assassino frustrado chorava agora descontroladamente. Talvez fosse da dor, pensou Cian. Talvez fosse por acreditar que estava acabado.

— Que eras tu antes de ela te matar?

— Professor.

— Tinhas mulher, família?

— Não me serviram para mais que comida. Eu era pobre e fraco, mas a rainha viu em mim mais alguma coisa. Deu-me força e um propósito. E quando ela te chacinar, e a essas... formigas que se arrastam contigo, serei recompensado. Terei uma boa casa, mulheres à minha escolha, riqueza e poder.

— Ela prometeu-te isso tudo, não foi?

— Isto e mais. Disseste que podia beber água.

— Pois disse. Deixa-me explicar-te uma coisa acerca da Lilith. — Caminhou para trás do homem, cujo nome não perguntara, e falou-lhe baixinho ao ouvido. — Ela mente. E eu também.

Firmou as mãos na cabeça do homem e, com um movimento rápido, partiu-lhe o pescoço.

— Que fizeste? — Chocada até ao mais íntimo de si, Moira correu para eles. — Que fizeste?

— O que precisava de ser feito. Ela só mandou um — desta vez. Se perturba as tuas sensibilidades, talvez queiras pedir aos teus guardas que tirem isto daqui antes de eu te explicar.

— Não tinhas o direito. Nenhum direito. — A barriga dela queria revoltar-se, como quisera desde o início da tortura. — Mataste-o. Que diferença fazes dele, matando-o sem julgamento, sem sentença?

— A diferença? — Friamente, Cian ergueu as sobrancelhas. — Ele ainda era, sobretudo, humano.

— Significa tão pouco para ti? A vida? Significa tão pouco?

— Pelo contrário.

— Moira, ele tem razão. — Blair pôs-se entre os dois. — Fez o que tinha de ser feito.

— Como podes dizer isso?

— Porque eu teria feito o mesmo. Era o cão da Lilith e, se escapasse, tentaria de novo. Se não conseguisse apanhar-te a ti, mataria quem pudesse.

— Um prisioneiro de guerra... — começou Moira.

— Aqui não há prisioneiros — interrompeu Blair. — De nenhum dos lados. Se o encarcerasses, tirarias homens do treino e da patrulha para o guardarem. Era um assassino, um espião enviado para trás das linhas, em tempo de guerra. E dizer que era sobretudo humano, é generoso — acrescentou com um relance para Cian. — Ele nunca voltaria a ser humano. Se fosse um vampiro que estivesse sentado nessa cadeira, ter-lhe-ias cravado uma estaca sem pensar duas vezes e sem qualquer hesitação. Isto é a mesma coisa.

Um vampiro não deixaria o seu corpo quebrado no chão, ainda acorrentado a uma cadeira, pensou Moira.

Virou-se para um dos guardas.

— Tynan, leva o corpo do prisioneiro. Trata de que seja enterrado.

— Majestade.

Ela viu o olhar rápido que Tynan lançou a Cian — e reconheceu nele a sua aprovação férrea.

— Voltemos para o salão — continuou. — Ninguém comeu. Poderás dar-nos as tuas informações durante a refeição.

— Um atirador solitário — disse Cian, com um desejo quase nostálgico de café.

— Faz sentido. — Blair serviu-se de ovos e de uma grossa fatia de fiambre frito.

— Porquê? — Moira dirigiu a pergunta a Blair.

— Bem, eles têm alguns meios-vampiros treinados para o combate.

— Fez um aceno de cabeça para Larkin. — Como aqueles com que eu e o Larkin tivemos de lutar naquela noite, nas grutas. Mas isto exige tempo e esforço. Mantê-los subjugados exige muito trabalho e determinação.

— E se essa subjugação for quebrada?

— Insanidade — disse Blair sucintamente. — Passamento total. Ouve histórias de meios-vampiros que roeram a própria mão para se libertarem e voltarem ao seu senhor.

— Ele estava condenado antes de chegar aqui — murmurou Moira.

— Sim, desde que a Lilith lhe pôs as mãos em cima. A minha opinião é que este devia ser um ataque rápido, uma missão suicida. Para quê perder mais de um? Se as coisas correrem bem, só precisas de um.

— Sim, um homem, uma seta. — Moira pensou no assunto. — Se ele tiver habilidade e sorte suficientes, o círculo fica quebrado. Geall ficaria sem regente momentos depois de ter voltado a ter um. Teria sido um bom golpe, eficiente.

— Aí tens.

— Mas, porque esperou que estivéssemos de volta? Porque não tentou atacar-me junto da pedra?

— Não chegou lá a tempo — disse Cian com simplicidade. — Calculou mal a distância que tinha de viajar, chegou depois de tudo acabar. Tu estavas rodeada de gente no caminho de volta e ele não foi capaz de encontrar um bom ângulo. Então, juntou-se ao desfile, por assim dizer, e aguardou o momento oportuno.

— Come qualquer coisa. — Hoyt serviu alguma comida no prato de Moira. — Quer dizer que a Lilith sabia que a Moira iria à pedra hoje.

— Ela está atenta — confirmou Cian. — De qualquer forma, mandou alguém para dar cabo do ritual, e se foi antes de a Blair se pegar com a Lora, é discutível. A Lilith estava chateada — disse. — Furiosa, de acordo com o nosso ditosamente falecido arqueiro. Como já disse, a relação dela com a Lora é estranha e complicada, mas muito profunda, muito sincera. Mandou um arqueiro fazer isto quando ainda estava meia enlouquecida.



Mandou-o a cavalo, para ser mais rápido — e eles têm um número limitado de cavalos.

— E como está a vaca francesa? — perguntou Blair.

— Marcada de cicatrizes e aos berros, quando o homem partiu, com a própria Lilith a cuidar dela.

— Mais importante — interrompeu Hoyt, — onde está Lora, e onde estão os outros todos?

— O nosso informador, se bem que hábil com um arco, não era particularmente observador ou astuto. O melhor que consegui perceber foi que a base da Lilith fica a alguns quilómetros do campo de batalha. Ele descreveu algo parecido com uma pequena povoação, junto a uma quinta de boas dimensões, com várias casinhas e uma grande casa senhorial de pedra, onde suponho que viviam os nobres proprietários da terra. É nesta casa que ela está.

— Ballycloon. — Larkin olhou para Moira e viu-a muito pálida e com os olhos muito escuros. — Deve ser Ballycloon, e a terra dos O'Neill. A família que ajudámos no dia em que a Blair e eu andávamos a verificar as armadilhas, no dia em que a Lora a emboscou, vinha de perto de Dromberg, que fica a uma pequena distância a oeste de Ballycloon. Teríamos ido mais para leste, para verificar a última armadilha, mas...

— Eu fui ferida — concluiu Blair. — Fomos o mais longe que pudemos. E tivemos sorte. Se ela já tivesse instalado a sua base quando lá fomos, estaríamos seriamente excedidos em número.

— E seriamente mortos — acrescentou Cian. — Eles mudaram-se para lá na noite antes da tua alteração com a Lora.

— Ainda devia haver lá pessoas, ou na estrada. — Larkin ficou com o estômago apertado ao pensar nisso. — E os próprios O'Neill. Não sei se chegaram a algum lugar seguro. Como poderemos saber quantos...

— Não podemos — disse Blair sem emoção.

— Tu, tu e o Cian, achavam que devíamos retirar toda a gente, obrigá-los a sair, caso fosse necessário, de todas as aldeias e quintas em torno do campo de batalha. Queimar as casas e as quintas para que a Lilith e o seu exército não encontrassem abrigo. Achei que era frieza e crueldade. Impiedoso. E agora...

— Isso não pode ser mudado. E eu não poderia, nem queria — corrigiu Moira — ter mandado queimar as casas. Talvez tivesse sido mais sensato, e mais forte, simplesmente fazê-lo. Porém, aqueles cujas casas destruíssemos teriam perdido a força de que precisam para lutar. Por isso foi assim.

Não sentia apetite pela comida que tinha no prato, mas pegou no chá para aquecer as mãos. — A Blair e o Cian sabem estratégia, como o Hoyt e a

Glenna sabem magia. Mas eu e tu, Larkin, conhecemos Geall e o seu povo. Ter-lhes-íamos quebrado o coração e o espírito.

— Eles queimarão aquilo de que não precisam ou não querem — disse-lhe Cian.

— Sim, mas não são as nossas mãos a acender o archote, o que é importante. Bem, pensamos saber onde eles estão. Sabes quantos são?

— O homem começou por dizer que eram multidões, mas estava a mentir. Não sabia — contou Cian. — Por muito que a Lilith use mortais, não os considera do seu círculo íntimo, nem confia informações importantes a nenhum. São comida, são criados, são entretenimento.

— Podemos dar uma olhadela — disse Glenna, falando pela primeira vez. — Eu e o Hoyt, agora que conhecemos a área geral, podemos fazer um feitiço de localização. Devemos conseguir informações mais sólidas. Ter uma ideia dos números. Sabemos, pela viagem que Larkin fez às grutas e pela olhadela que deu ao seu arsenal, que dispunham de armas para um milhar ou mais.

— Daremos uma olhadela. — Hoyt cobriu a mão de Glenna com a sua. — Mas acho que o Cian está a omitir que, sejam eles quantos forem, sejamos nós quantos formos, no final eles serão mais. Quaisquer armas que tenham, serão mais. A Lilith dispôs de décadas, talvez de séculos, para preparar este momento. Nós tivemos meses.

— Mesmo assim, ganharemos.

Cian ergueu uma sobrancelha ao ouvir Moira.

— Porque tu és boa e eles são maus?

— Não, e nada é assim tão simples. Tu próprio és uma prova disso, porque tu não és como ela nem és como nós, és uma coisa completamente diferente. Ganharemos porque seremos mais inteligentes e mais fortes. E porque ela não tem ninguém como nós os seis a seu lado. — Desviou o olhar de Cian para o irmão dele. — Hoyt, tu foste o primeiro de nós. Foste tu que nos juntaste.

— Foi Morrigan quem nos escolheu.

— Ela, ou o destino, elegeram-nos — concordou Moira. — Mas foste tu que começaste o trabalho. Foste tu que acreditaste, que tiveste o poder e a força para forjar este círculo. Pelo menos, é nisso que acredito. Eu governo Geall, mas não sou a chefe desta tarefa.

— Nem eu.

— Não, nenhum de nós o é. Temos de ser como um só, apesar de todas as nossas diferenças. Procurar uns nos outros aquilo de que precisamos. Estou longe de ser aqui a guerreira mais forte, e a minha magia é ínfima. Não tenho as capacidades do Larkin, nem a frieza mental para matar a sangue-frio. O que tenho é conhecimento e autoridade, então, é o que ofereço.

— Tens mais do que isso — disse-lhe Glenna. — MUITÍSSIMO mais.  
— Terei mais, antes de tudo estar terminado. Há coisas que tenho de fazer. — Pôs-se de pé. — Voltarei a trabalhar no que for necessário assim que puder.  
— Muito majestosa — comentou Blair depois de Moira sair da sala.  
— E com o grande peso que isso acarreta. — Glenna virou-se para Hoyt. — Quais são os planos?  
— É melhor vermos aquilo que pudermos do inimigo. Depois, estou a pensar em fogo. Continua a ser uma das nossas armas mais formidáveis, por isso devemos encantar mais espadas.  
— É bastante arriscado pôr espadas em algumas das mãos que estamos a treinar — interrompeu Blair. — Principalmente, inflamáveis.  
— És capaz de ter razão. — Hoyt pensou, e acenou com a cabeça. — Dependerá de nós, então, decidir a quem será, como dizer, atribuída uma arma dessas. Devem ser colocados homens de valor o mais perto possível da base de Lilith. Eles precisarão de abrigo seguro depois do pôr-do-sol.  
— Estás a falar em casernas. Há casinhas de quinta e cabanas, claro. — Larkin semicerrou os olhos, meditando. — Durante o dia, podemos construir outros abrigos, se for necessário. Também há uma pousada entre a base dela e a povoação seguinte.  
— Porque não vamos dar uma olhadela? — Blair afastou o prato. — Tu e a Glenna podem ver à vossa maneira, e eu e o Larkin podemos sobrevoá-los. Estás disposto a ser dragão?  
— Estou. — Ele sorriu-lhe. — Especialmente se fores tu a montar-me.  
— Sexo, sexo, sexo. Este tipo é uma máquina.  
— Por falar nisso — disse Cian secamente, — vou para a cama.  
— Um momento — disse Hoyt dando um apertão rápido na mão de Glenna, e seguindo o irmão. — Preciso de te dar uma palavrinha.  
Cian lançou-lhe um olhar rápido.  
— Já tive a minha dose de palavras esta manhã.  
— Terás de engolir mais algumas. O meu quarto é mais perto, se não te importas. Preferia que fosse privado.  
— Visto que me seguirias até ao meu quarto e me chatearias até eu ter vontade de te arrancar a língua, o teu quarto serve.  
Criados atarefados percorriam o caminho entre a sala e os quartos. Preparativos para o banquete, pensou Cian, e perguntou-se se fora a conversa de Hoyt acerca de fogo que lhe trouxera à mente Nero e a sua lira.  
Hoyt entrou no quarto e estendeu imediatamente o braço para deter Cian.  
— O Sol — foi tudo o que disse, e avançou rapidamente para fechar os cortinados.

O quarto mergulhou na escuridão. Sem pensar, Hoyt fez um gesto na direção de duas velas que se acenderam imediatamente.

— Isso dá jeito — comentou Cian. — Perdi a prática com as acendalhas.

— É uma capacidade básica, que tu também terias se te dedicasses a aperfeiçoar o teu poder.

— É demasiado entediante. Isso é uísque? — Cian dirigiu-se a um decantador e serviu-se. — Oh, quanta sobriedade e desaprovação. — Leu claramente a expressão do irmão enquanto bebia o primeiro trago quente. — Recordo-te que é o fim do meu dia — até já passa bastante, agora que penso nisso.

Olhou em volta e começou a andar de um lado para o outro.

— Cheira a fêmea. Mulheres como a Glenna deixam sempre algo delas próprias para trás, para um homem se lembrar. — Deixou-se cair numa cadeira e esticou as pernas. — Então, qual é o assunto com que estás determinado a aborrecer-me?

— Houve um tempo em que gostavas da minha companhia, e até a procuravas.

Cian mexeu os ombros com tanta preguiça que nem se podia dizer que os encolhera.

— Suponho que isso quer dizer que novecentos anos de ausência não levam o coração a gostar mais.

A mágoa foi visível na expressão de Hoyt antes de se virar para pôr mais turfa na lareira.

— Tu e eu vamos voltar a estar em desacordo?

— Diz-me tu.

— Queria falar contigo sozinho acerca do que fizeste ao prisioneiro.

— Mais conversa humanista. Sim, sim, devia ter-lhe dado uma palmadinha na cabeça para ele se apresentar a julgamento, ou perante o tribunal, ou lá o que representa a justiça neste lugar. Devia ter invocado a maldita Convenção de Genebra. Bem, tretas.

— Não conheço essa convenção, mas não poderia ter havido nenhum julgamento nem nenhum tribunal sobre essa matéria numa altura destas. É isso que quero dizer, grande idiota irritadiço. Executaste um assassino, como eu teria feito, embora com mais tato e discrição.

— Ah, tu terias deslizado lá para baixo, para a jaula onde o encerrassem, e espetavas-lhe uma faca entre as costelas. — Cian ergueu as sobrançelas. — Assim está bem.

— Não está. Nada disto está bem. O que isto é, é um maldito pesadelo, e estamos todos a tê-lo. Estou a dizer que fizeste o que era necessário. E que, pela sua tentativa de matar a Moira, que amo como amei as minhas

irmãs, e por te ter cravado uma seta, eu acabaria com ele. Nunca matei um homem, porque estas coisas de que temos dado cabo nas últimas semanas não eram homens, mas demónios. Porém, teria matado este se tu não te tivesses adiantado.

Hoyt fez uma pausa e recuperou o fôlego, se não a compostura.

— Queria dizer-to, para que soubesses o que sinto em relação ao que aconteceu. Mas parece que desperdicei o tempo de ambos, porque tu te estás nas tintas para o que sinto.

Cian não se mexeu. Apenas desviou o rosto do olhar furioso do irmão para o uísque na sua mão.

— Por acaso até me importo com o que sentes. Quem me dera não me importar. Despertaste em mim coisas que eu acalmara há demasiado tempo para me lembrar. Atiraste-me a família à cara, Hoyt, quando eu já a enterrara.

Hoyt atravessou a sala e sentou-se na cadeira diante do irmão.

— Tu és meu.

Agora, quando Cian ergueu o olhar para o irmão, este estava vazio.

— Não sou de ninguém.

— Talvez não fosses, desde que morreste até ao momento em que te encontrei. Mas isso já não é verdade. Então, se te importas, estou a dizer-te que me sinto orgulhoso do que estás a fazer. Digo-te que sei que, para ti, é mais difícil fazer isto que para qualquer um de nós.

— Obviamente, como ficou demonstrado, matar vampiros ou humanos não é difícil para mim.

— Pensas que não vejo como alguns dos criados se esfumam quando te aproximam? Que não vi a Sinann correr para pegar na filha, como se fosses quebrar-lhe o pescoço, como fizeste ao assassino? Esses insultos que te fazem não passam despercebidos.

— Há quem não se sinta insultado por ser temido. Não importa. Não importa mesmo — insistiu quando o rosto de Hoyt se aproximou. — Isto é um estalar de dedos temporal para mim. Ou menos. Quando tiver acabado, a não ser que uma estaca com sorte me atravesse o coração, sigo o meu caminho.

— Espero que o teu caminho te leve, de vez em quando, de visita a mim e à Glenna.

— Levará. Gosto de olhar para ela. — O sorriso de Cian espalhou-se, lenta e facilmente. — E, quem sabe, talvez ela recupere o juízo e perceba que escolheu o irmão errado. Tempo é o que não me falta.

— A Glenna é louca por mim. — Novamente num tom descontraído, Hoyt pegou no copo de Cian e deu um gole.

— Louca é o que ela tem de ser para te ter escolhido, mas as mulhe-

res são criaturas estranhas. Tens sorte por a ter, Hoyt, caso ainda não to tenha dito.

— Agora é ela a mágica. — Devolveu o copo. — Sem ela, eu não teria nenhuma magia que valesse a pena. Virou o meu mundo do avesso quando entrou nele. Quem me dera que tu tivesses...

— Não está escrito no meu livro do destino. Os poetas podem dizer que o amor é eterno, mas posso dizer-te que a questão é diferente quando dispões da eternidade e a mulher não.

— Alguma vez amaste uma mulher?

Cian examinou novamente o uísque e pensou nos séculos.

— Não da maneira que queres dizer. Não como o que tens com a Glenna. Mas já gostei o suficiente para saber que não é uma escolha que eu possa fazer.

— O amor é uma escolha?

— Tudo é. — Cian bebeu o resto do uísque e afastou o copo vazio. — Agora, escolho ir para a cama.

— Hoje escolheste levar com a seta que era para a Moira — disse Hoyt enquanto Cian se encaminhava para a porta.

Este parou e virou-se, com os olhos demonstrando cautela. — É verdade.

— Acho que foi uma escolha muito humana.

— Achas? — As palavras foram como um encolher de ombros. — A mim pareceu-me apenas impulsiva — e dolorosa.

Saiu para se dirigir ao seu próprio quarto, na ala norte do castelo. Impulso e, conseguiu admitir para si próprio, um instante de medo feroz. Se tivesse visto a seta voar um segundo mais tarde, ou se se tivesse mexido mais lentamente uma fração de segundo, ela estaria morta.

E, nesse instante de impulso e medo, ele vira-a morta. A seta ainda a agitar-se, perfurando-lhe a carne, o sangue a derramar a vida para fora dela, para o seu vestido verde-escuro e para as duras pedras cinzentas.

Ele temera isso, temera o fim dela, onde estaria fora do seu alcance. Iria para um lugar que ele não poderia ver nem tocar. Com aquela seta, Lilith roubar-lhe-ia uma última coisa, uma última coisa que nunca poderia recuperar.

Porque ele mentira ao irmão. Amava uma mulher, apesar das suas melhores — ou piores — intenções. Amava a recém-coroadada rainha de Geall.

O que era ridículo e impossível, e, a seu tempo, algo que ultrapassaria. Mais uma década ou duas e teria esquecido o tom exato daqueles grandes olhos cinzentos. O aroma suave dela já não lhe provocaria os sentidos. Esqueceria o som da sua voz, a aparência daquele sorriso lento e sério.

Essas coisas desvaneciam-se, recordou a si próprio. Só era necessário permitir que acontecesse.

## O VALE DO SILÊNCIO

Entrou no seu quarto, fechou e trancou a porta.

As janelas estavam tapadas e não havia nenhuma luz acesa. Sabia que Moira dera ordens muito específicas sobre a organização daquele quarto. Assim como o escolhera especificamente, a alguma distância dos outros, por estar virado a norte.

Menos luz do Sol, cogitou ele. Uma anfitriã atenciosa.

Vestiu-se no escuro e pensou fugazmente na música que gostava de ouvir antes de dormir ou ao acordar. Música, pensou, que preenchia o silêncio.

Mas este tempo e este lugar não era o dos leitores de CD, nem de rádio por cabo, nem de nenhuma maldita coisa que se parecesse.

Nu, estendeu-se na cama. E, na escuridão absoluta, desejou ardentemente o sono.



## CAPÍTULO 4

**M**oira conseguiu roubar tempo para si mesma. Escapou às suas damas, ao tio, aos deveres. Já se sentia culpada, já a preocupava ser um fracasso como rainha por desejar tanto a sua solidão.

Teria trocado dois dias de comida ou duas noites de sono por uma única hora sozinha com os seus livros. Egoísta, disse a si mesma enquanto fugia do barulho, das pessoas, das perguntas. Egoísta por desejar o seu próprio conforto quando estava tanto em causa. Embora não se permitisse o luxo de ler um livro num qualquer canto ensolarado, tomaria o tempo para fazer aquela visita.

Naquele dia em que fora coroada rainha, queria e precisava da mãe. Então, arregaçando as saias, desceu a colina o mais depressa que conseguiu e transpôs a pequena abertura no muro que cercava o cemitério.

Sentiu quase instantaneamente uma tranquilidade no coração.

Dirigiu-se primeiro à lápide que mandara esculpir e instalar ao voltar para Geall. Colocara uma para King, na Irlanda, no cemitério dos antepassados de Hoyt e Cian. Mas jurara mandar fazer também uma ali, em homenagem a um amigo.

Depois de depositar um ramo de flores no chão, ergueu-se e leu as palavras que mandara gravar na pedra polida.

*King*

*Este bravo guerreiro não jaz aqui  
Mas sim numa terra distante.*



*Deu a sua vida por Geall,  
E por toda a humanidade.*

— Espero que te agrade, a pedra e as palavras. Parece que foi há tanto tempo a última vez que te vi. Parece que foi tudo há tanto tempo e, contudo, não passou mais que o tempo de um bater de mãos. Lamento dizer-te que hoje o Cian ficou ferido por minha causa. Mas está a recuperar bem. Na noite passada falámos quase como amigos, eu e o Cian. E hoje, não fomos nada amigáveis. É difícil de perceber.

Pousou uma mão na pedra.

— Agora sou rainha. Isso também é difícil de perceber. Espero que não te importes por ter colocado este monumento aqui, onde jaz a minha família. Porque, para mim, foi o que tu foste no pouco tempo que tivemos. Foste família. Espero que estejas em paz agora.

Afastou-se, mas voltou apressadamente para trás.

— Ah, queria dizer-te que estou a manter a minha esquerda erguida, como me ensinaste. — Junto do túmulo, ergueu os braços numa posição de boxe. — Obrigada por todas as vezes em que não levo um murro na cara.

Com o resto das flores aninhadas no braço, abriu caminho através da relva alta e das pedras até aos túmulos dos seus pais.

Depositou flores na base da lápide do pai.

— Senhor. Quase não me lembro de vós, e julgo que as memórias — a maioria delas — que tenho são as que a minha mãe me transmitiu. Ela amava-vos tanto, e falava muitas vezes de vós. Sei que éreis um homem bom, pois de outra forma ela não vos teria amado. Todos os que falam de vós dizem que éreis forte e gentil, e de gargalhada fácil. Quem me dera lembrar-me do som dela, da vossa gargalhada.

Olhou por cima das pedras, para as colinas, para as montanhas distantes.

— Percebi que não morrestes como sempre pensámos, mas fostes assassinado. Vós e o vosso irmão mais novo. Assassinados pelos demónios que estão agora em Geall, preparando-se para a guerra. Sou tudo o que sobra de vós, e espero que seja suficiente.

Ajoelhou-se entre os túmulos para depositar as últimas flores sobre a mãe.

— Sinto a vossa falta todos os dias. Tive de ir longe, como sabeis, para voltar mais forte. *Mathair*.

Fechou os olhos quando pronunciou a palavra e viu, clara como a vida, a imagem que esta lhe invocava.

— Não impedi aquilo que vos foi feito, e ainda hoje vejo essa noite

como que através de uma névoa. Aqueles que vos mataram foram punidos, um pelas minhas próprias mãos. Foi tudo o que pude fazer por vós. A única coisa que posso fazer é lutar e conduzir o meu povo à luta. Alguns deles, à morte. Uso a espada e a coroa de Geall. Não as humilharei.

Ficou sentada por um momento, apenas com o som da brisa através da relva alta e a luz cambiante do Sol. Quando se ergueu e se virou para o castelo, viu a deusa Morrigan de pé, no muro de pedra.

Vestia de azul, suave e claro, debruado em tons mais escuros. O seu cabelo cor de fogo estava solto e caía-lhe, chamejante, sobre os ombros.

Com as mãos vazias de flores e o coração pesado, Moira atravessou a relva para ir ter com ela.

— Minha senhora.

— Majestade.

Desconcertada pela vénia de Morrigan, Moira entrelaçou as mãos para as manter quietas.

— Os deuses reconhecem as rainhas?

— Claro. Concebemos este lugar e atribuímos aos do teu sangue a função de o governar e servir. Estamos contentes contigo. Filha. — Pousando as mãos levemente nos ombros de Moira, beijou-lhe ambas as faces. — Abençoamos-te.

— Preferia que abençoásseis o meu povo e o mantivésseis em segurança.

— Essa é a tua missão. A espada está desembainhada. Mesmo quando foi forjada, sabia-se que um dia tiniria numa batalha. Essa também é uma missão tua.

— Ela já derramou sangue de Geall.

Os olhos de Morrigan eram profundos e calmos como um lago.

— Minha filha, o sangue que Lilith fez derramar daria um oceano.

— E os meus pais não são mais que gotas desse mar?

— Todas as gotas são preciosas e cada uma delas serve um propósito. Ergues a espada apenas pelo teu próprio sangue?

— Não. — Mudando de posição, Moira apontou. — Há aqui outra lápide, em homenagem a um amigo. Ergo a espada por ele e pelo seu mundo, por todos os mundos. Somos todos parte uns dos outros.

— É importante sabê-lo. O conhecimento é um grande dom, e a sede de procurar ainda mais magnífica. Usa aquilo que sabes, e ela nunca te derrotará. Cabeça e coração, Moira. Tu não és feita para dar mais valor a uma que a outro. A tua espada flamejará, prometo, e a tua coroa resplandecerá. Mas aquilo que tens dentro da tua cabeça e do teu coração é o poder verdadeiro.

— Parece que eles estão cheios de medo.

— Não há coragem sem medo. Confia e sabe. E mantém a tua espada a teu lado. É a tua morte que ela mais quer.

— A minha? Porquê?

— Ela não sabe. O conhecimento é um poder teu.

— Minha senhora — começou Moira, mas a deusa desaparecera.

O banquete exigia ainda mais um vestido e mais uma hora com as damas de volta dela. Com tanto para se preocupar, deixara a questão do guarda-roupa ao cuidado da tia, e ficou contente por achar o vestido bonito e que o seu azul-água a valorizava. Gostava de vestidos bonitos e de tirar algum tempo para se apresentar da melhor maneira possível.

Mas parecia que estava a ser metida dentro de um novo sempre que se virava, e sujeitava-se ao alarido das mulheres metade do dia.

Podia admitir que sentia falta da liberdade das calças de ganga e das camisas largas que usara na Irlanda. No início do dia seguinte, por mais que chocasse as mulheres, vestir-se-ia da maneira mais apropriada a uma guerreira que se preparava para uma batalha.

Mas, naquela noite, usaria os veludos, as sedas e as joias.

— Ceara, como estão os teus filhos?

— Bem, minha senhora, obrigada. — Atrás de Moira, Ceara continuou a juntar o cabelo grosso de Moira em tranças sedosas.

— Os teus deveres e o treino mantêm-te longe deles mais tempo do que eu gostaria.

Os olhos de ambas encontraram-se no espelho. Moira sabia que Ceara era uma mulher sensata, a mais concentrada, na sua opinião, das três que a serviam.

— A minha mãe cuida deles, e está feliz por o fazer. O tempo que estou a gastar é bem gasto. Prefiro perder estas horas com eles do que ver alguém fazer-lhes mal.

— A Glenna diz que és bastante feroz em corpo a corpo.

— Sou. — O rosto de Ceara retesou-se num sorriso triste. — Não tenho habilidade com a espada, mas ainda há tempo. A Glenna é uma boa professora.

— Severa — intrometeu-se Dervil. — Não tão severa como a senhora Blair, mas igualmente exigente. Todos os dias corremos, lutamos, caímos e esculpimos estacas. E acabamos todos os dias com as pernas cansadas, nódoas negras e lascas de madeira nas mãos.

— É melhor estar cansada e com nódoas negras, que morta.

Dervil corou ao ouvir o comentário seco de Moira.

— Não estava a ser desrespeitosa, Majestade. Já aprendi muito.

— E, segundo me disseram, estás a tornar-te um demónio com a espada. Estou orgulhosa. E tu, Isleen, diz-se que tens boa mão para o arco.

— Tenho. — Isleen, a mais jovem das três, corou ao ouvir o elogio. — Gosto mais disso do que da luta com punhos e pés. A Ceara atira-me sempre ao chão.

— Quando te pões a guinchar como um rato e a esbracejar, qualquer um pode atirar-te ao chão — notou Ceara.

— A Ceara é mais alta e tem os braços mais compridos que os teus, Isleen. Assim — concluiu Moira, — tens de aprender a ser mais rápida e mais astuta. Estou orgulhosa de todas vós, de cada uma das vossas nódoas negras. Amanhã, e todos os dias que se seguirem, durante pelo menos uma hora por dia, estarei a treinar convosco.

— Mas, Majestade — começou Dervil. — Não podeis

— Posso — interrompeu Moira. — E fá-lo-ei. Espero que todas vós, assim como as outras mulheres, façam o vosso melhor para *me* atirarem ao chão. Não será fácil. — Pôs-se de pé quando Ceara deu um passo atrás. — Também eu aprendi muito. — Ergueu a coroa e colocou-a na cabeça. — Acreditem-me quando digo que posso derrubar as três, e quem mais vier.

Virou-se, resplandecente no veludo azul.

— Quem me derrubar, ou for melhor com as mãos nuas ou qualquer arma, receberá uma das cruzes de prata que a Glenna e o Hoyt encantaram. É o meu melhor presente. Digam às outras.

Cian pensou que aquilo era como entrar numa peça. O grande salão era o palco, decorado com estandartes, animado com flores, brilhando com a luz das velas e da lareira. Cavaleiros, senhores e damas apresentavam-se todos no seu melhor. Gibões e vestidos, joias e ouro. Avistou vários homens e mulheres que usavam calçado com as pontas viradas para cima, que ele se lembrava ser moda quando era vivo.

Então, pensou, até os estilos mais lamentáveis atravessavam mundos.

Havia tanta comida e bebidas que ele imaginava as mesas compridas a gemerem sob as travessas e os jarros. Havia música, brilhante e animada, tocada por um harpista. Ouvia conversas de toda a espécie. Moda, política, bisbilhotices sexuais, namoricos e finanças.

Não era assim tão diferente, cogitou, do seu clube noturno em Nova Iorque. Lá as mulheres estavam menos vestidas, claro, e a música era mais alta. O essencial, contudo, não mudara tanto ao longo dos séculos. As pessoas ainda gostavam de se reunir em torno de comida, bebida e música.

Voltou a pensar no seu clube e perguntou-se se lhe sentia a falta. A

vertigem da noite, os sons, o cheiro das pessoas. E percebeu que não sentia, nem um bocadinho.

Muito provavelmente, concluiu, teria ficado cada vez mais farto e inquieto e, em qualquer caso, teria mudado pouco tempo depois. Bastara o irmão atravessar o tempo e o espaço, ver Hoyt aterrar — por assim dizer — na soleira da sua porta, para alterar a agenda.

Sem Hoyt e a sua missão divina, a mudança teria sido uma alteração de nome, de localização e de financiamentos. Complicado, consumidor de tempo e — interessante. Cian tivera mais de uma centena de nomes e uma centena de casas, e a sua constituição ainda lhe parecia interessante.

Para onde teria ido?, perguntou-se. Talvez para Sidney, ou para o Rio. Também podia ter sido Roma ou Helsínquia. Era, essencialmente, uma questão de espetar um alfinete num mapa. Havia poucos lugares onde ainda não tivesse estado, e em qualquer um podia montar a sua base, se quisesse.

Pelo menos, no seu mundo. Geall seria uma conversa diferente. Ele já vivera uma vez naquele género de moda e cultura, e não sentia qualquer desejo de se repetir. A sua família era aristocrata e ele assistira a uma boa dose de banquetes luxuosos.

Em geral, preferia um copo de brandy e um bom livro.

Não tencionava ficar muito tempo, e só viera porque sabia que, caso contrário, alguém iria procurá-lo. Embora confiasse que poderia evitar quem quer que fosse atrás dele, nunca evitaria o sermão a que Hoyt o sujeitaria no dia seguinte.

Era muito mais fácil aparecer, brindar à nova rainha e depois escapulir-se.

Recusara-se a usar o gibão e os acessórios formais que tinham levado para o seu quarto. Podia estar preso numa época medieval, mas maldito fosse se ia vestir-se de acordo com ela.

Por isso foi de preto, calças e camisola. Não emalara fato e gravata para aquela viagem.

Ainda assim, sorriu com algum calor a Glenna, que se lhe dirigiu vestida de verde-esmeralda, algo que ele achava que, a certa altura, se chamara um *robe déguisée*. Muito formal, muito elegante e um belo expositor para os seus maravilhosos seios, com o decote baixo e redondo.

— Eis uma visão que prefiro a qualquer deusa.

— Quase me sinto uma. — Abriu os braços para fazer balançar as mangas em forma de sino. — Mas é pesado. Deve ter uns cinco quilos de tecido. Vejo que escolheste um conjunto mais leve.

— Acho que preferia espetar uma estaca em mim próprio antes de voltar a enfiar-me num daqueles trajes.

Ela teve de se rir.

— Não te posso censurar, mas estou encantada por ver o Hoyt todo aperaltado. Para mim — e talvez também para ti, depois deste tempo todo — é como um baile de máscaras. A Moira escolheu um majestoso preto e dourado para o feiticeiro da casa. Fica-lhe bem, assim como te fica bem a tua escolha mais contemporânea. Ainda assim, todo este dia tem sido como um sonho estranho.

— Eu estava a pensar numa peça de teatro muito estranha.

— Sim, também funciona. Seja como for, o banquete desta noite é uma trégua curta e colorida. Eu e o Hoyt conseguimos fazer algumas explorações, magicamente, e o Larkin e a Blair sobrevoaram o local. Vamos dar-te as informações quando...

Interrompeu-se ao ouvir o som de trombetas.

Moira fez a sua entrada, com a cauda do vestido a fluir atrás dela, a coroa a resplandecer à luz de centenas de velas.

Ela brilhava, como as rainhas devem, como as mulheres conseguem.

Com o seu coração, que não batia, apertado no peito, Cian pensou: *Raios, maldito inferno.*

Não tinha alternativa a juntar-se aos outros na mesa do banquete. Sair antes seria um insulto descarado. Não que lhe importasse muito, mas teria chamado a atenção. Portanto, estava novamente encurralado.

Moira sentou-se ao centro da mesa, ladeada por Larkin e pelo tio. Pelo menos, era Blair que se sentava a seu lado, uma companhia divertida e informativa.

— A Lilith ainda não queimou nada, o que foi uma surpresa — começou ela. — Provavelmente está muito ocupada a cuidar da Fifi. Oh, uma pergunta. A cabra francesa já tem cerca de quatrocentos anos, não é? E tu tens mais do dobro. Como é que ambos ainda têm sotaque?

— E porque é que os americanos acham que toda a gente deve falar como eles?

— Boa resposta. Isto é carne de veado? Parece-me que é. — Deu uma dentada. — Não é mau.

Blair vestia vermelho-sirene e uma parte dos seus ombros fortes estava descoberta. O cabelo curto não tinha adornos, mas das orelhas pendiam medalhões de ouro ornamentados, quase do tamanho de um punho de criança.

— Como consegues manter a cabeça levantada com esses brincos?

— Sofro pela moda — respondeu ela. — Eles têm cavalos — continuou. — Um par de dúzias em vários cercados. Talvez tenham mais em estábulos. Pensei que o Larkin podia aterrar para os irmos soltar. Só para

chatear. Talvez, se conseguisse convencê-lo, atear alguns incêndios. Os vampiros ficam lá dentro, morrem queimados. Saem, morrem queimados.

— Boa ideia. A não ser que ela tenha guardas lá dentro, com arcos.

— Até parece que não pensei nisso. Decidi disparar algumas setas a arder para baixo, chamar-lhes a atenção. Escolhi o meu alvo — a casinha mais próxima do estábulo maior. Devia haver lá algumas tropas, fazia sentido. Imagina a minha surpresa e desgosto quando as setas esbarraram no ar, como se fosse numa parede.

Ele semicerrou os olhos e virou-se para a olhar de frente.

— Estás a falar de um campo de forças? Que é isto, *O Caminho das Estrelas*?

— Foi o que eu disse. — Em sintonia com ele, Blair bateu-lhe no ombro. — Ela pôs aquele feiticeiro, o tal Midir, a fazer horas extraordinárias, suponho. E o seu campo base encontra-se dentro de uma bolha protetora. O Larkin baixou, para vermos melhor, e levámos ambos um choque. Como um choque elétrico, mas pior.

— Sim, deve ser.

— Então o homem veio cá fora em pessoa, saiu da casa grande, deve ser a casa senhorial. Deixa-me dizer-te que o tipo tem um aspeto arrepiante. Vestes pretas a esvoaçar, muitos cabelos brancos. Deixou-se ficar ali, nós a olhar para baixo e ele a olhar para cima. Finalmente, percebi. Estávamos empatados. Nós não podemos fazer com que algo atravesse, mas eles também não. Quando a proteção está ativada, eles estão presos lá dentro e nós, cá fora. Tão bom como uma fortaleza. Ou melhor.

— A Lilith sabe como dar a melhor utilização às pessoas que traz — cogitou Cian.

— Assim parece. Então, baixámos mais um pouco, para eu fazer gestos obscenos, só para não ser uma perda de tempo. O filtro deve ser recolhido à noite, não achas?

— Possivelmente. Mesmo que tenham trazido comida suficiente, a natureza da besta é caçar. Ela não há de querer que as suas tropas criem bolor, nem que fiquem demasiado nervosas.

— Nesse caso, talvez possamos ir lá à noite. Não sei. É uma coisa para pensar. Isto é haggis<sup>1</sup>, não é? — Torceu o nariz. — Passo. — Encostou-se um pouco mais a ele e baixou a voz. — O Larkin diz que se espalhou a notícia do que fizeste ao tipo que tentou matar a Moira. Os guardas do castelo e os cavaleiros apoiaram.

— Isso pouco importa.

— Sabes que importa. Teres aquilo que será, essencialmente, a pri-

---

<sup>1</sup> Prato tradicional escocês. (N. da T.)

meira linha deste exército, não só a aceitar-te, mas a respeitar-te, importa, Sir Cian.

Ele estremeceu visivelmente.

— Não digas isso.

— Soa-me bem Esta coisa parecida com gelatina sabe um pouco a areia. Sabes o que é?

Cian esperou, propositadamente, que ela desse uma segunda dentada.

— Visceras em gelatina. Provavelmente de porco.

Quando ela se engasgou, ele não conseguiu conter uma gargalhada.

Era um som tão estranho, pensou Moira. Ouvi-lo rir. Estranho, um pouco perverso e extremamente atrativo. Dera um passo em falso ao enviar-lhe aquelas roupas. Ele era demasiado uma criatura da sua própria época — ou o que viera a ser a sua época — para vestir a indumentária que ela escolhera.

Mas viera, e ela não tivera a certeza que ele o fizesse. Não que lhe tivesse falado. Nem uma palavra lhe dirigira.

Matara por ela, pensou, mas não lhe falava.

Bem, tirá-lo-ia da cabeça, como ele, obviamente, fizera com ela.

Ela só queria que o serão acabasse. Queria a sua cama, queria dormir. Queria tirar o veludo pesado e deslizar abençoadamente — por uma noite — para a escuridão.

Tinha de mostrar que comia, apesar da sua falta de apetite. Precisava de fingir, pelo menos, que prestava atenção às conversas, se bem que os seus olhos quisessem fechar-se.

Bebera demasiado vinho, sentia-se demasiado quente. E ainda faltavam horas para poder deitar a cabeça.

Claro, ela tinha de parar, sorrir e beber sempre que um dos cavaleiros lhe ia fazer um brinde. Ao ritmo a que isto acontecia, a sua cabeça ia provavelmente rolar para fora da almofada.

Foi com grande alívio que pôde, finalmente, anunciar o início das danças.

Ela teve de abrir o baile, como se esperava, e descobriu que se sentia melhor com o movimento e com a música.

*Ele* não dançou, claro, ficou sentado. Como um rei dispéptico, pensou ela, estupidamente irritada porque *queria* dançar com ele. Mãos nas mãos, olhos nos olhos.

Mas ali estava ele, sentado, olhando com arrogância para a multidão e bebendo vinho. Ela rodopiou com Larkin, fez uma vénia ao tio, deu as mãos a Hoyt. E quando voltou a olhar, Cian desaparecera.

...



Ele queria ar e, mais que isso, queria a noite. A noite ainda era o seu momento. Aquilo que vivia sob a máscara de homem ansiaria sempre por ela, sempre a procuraria.

Subiu e saiu para a rua, onde a escuridão era espessa e a música do salão apenas um eco argentino. As nuvens tinham tapado a Lua e amorteciam o brilho das estrelas. Haveria chuva antes da madrugada, já lhe sentia o cheiro.

Lá em baixo, havia archotes para alumiar os pátios, e guardas colocados nos portões e nos muros.

Ouviu um deles tossir e cuspir, e o barulho das bandeiras lá em cima, batidas por uma rajada de vento. Ouvia, se se concentrasse, o sussurro dos ratos no seu ninho, numa fenda das rochas, ou o silvo fino como papel das asas de um morcego que voava em círculos.

Ele conseguia ouvir o que outros não conseguiam.

Cheirava o humano, o sal na carne e a rica corrente de sangue por baixo. Uma parte dele ardia — sempre — um pouco em necessidade. Caçar, matar, alimentar-se.

Essa adrenalina do sangue na boca, na garganta. A vida pura que continha e que nunca poderia ser saboreada naquilo que vinha em frios pacotes de plástico. Quente, lembrava ele, era sempre quente, aquele primeiro trago. Aquecia todos os recantos que estavam frios e mortos e, nesse momento, a vida — ou a sua sombra — agitava-se dentro daquele frio e daquela morte.

Era bom recordar, de vez em quando, aquele prazer indizível. Era bom recordar aquilo que, voluntariamente, contrariava. Era vital recordar aquilo por que ansiavam os que eles combatiam.

Os humanos não compreendiam, não podiam. Nem mesmo Blair, que compreendia mais que a maior parte.

Mesmo assim, lutariam, e morreriam. Atrás deles, viriam mais, para lutar e morrer. Claro que alguns fugiriam — havia sempre quem o fizesse. Alguns seriam quebrados pelo medo e deixar-se-iam chacinar, como coelhos apanhados por uma luz.

Porém, a maioria não fugiria, não se esconderia, não ficaria imobilizada pelo terror. Em todos os anos que vira os humanos viver e morrer, percebera que, quando eram encostados à parede com mais força, lutavam como demónios.

Se vencessem, acabariam a romantizar o caso, com canções e histórias. Velhos sentar-se-iam junto de lareiras muitos anos mais tarde, falando dos dias de glória e mostrando as cicatrizes.

Outros acordariam com suores frios, por reviverem o horror da guerra nos seus sonhos.

Se ele sobrevivesse, como seria? Dias de glória ou pesadelos? Nem

uma coisa nem outra, pensou, porque não era suficientemente humano para perder tempo com o que estava feito e acabado.

Se Lilith conseguisse acabar com ele, bem, a verdadeira morte era uma experiência que ainda não tivera. Era capaz de ser interessante.

E, porque ouvia o que os outros não, deu pelo som dos passos na escada de pedra. Os passos de Moira, que conhecia tão bem como o seu cheiro.

Quase se misturou com as sombras, depois amaldiçoou-se por ser cobarde. Era apenas uma mulher, apenas uma humana. Não podia ser nem seria mais nada para ele.

Quando ela saiu, ouviu-a suspirar uma vez, um suspiro longo e profundo, como se se tivesse despojado de um enorme peso. Dirigiu-se ao parapeito de pedra, inclinou a cabeça para trás, fechou os olhos. E respirou.

Tinha o rosto corado do calor do lume, do esforço da dança, mas os olhos estavam inundados de sombras de cansaço.

Alguém fizera tranças finas no seu cabelo longo, e o balançar destas, com os seus fios de ouro, desenhava ondas através da chuva de castanho brilhante.

Ele detetou o instante em que ela sentiu que não estava sozinha. A súbita rigidez nos seus ombros, a introdução da mão nas dobras do vestido.

— Se tens aí uma estaca — disse, — preferia que não a apontasses na minha direção.

Embora os ombros dela não tivessem relaxado, a mão caiu-lhe ao lado do corpo quando se virou.

— Não te tinha visto. Queria apanhar um pouco de ar. Está muito calor lá dentro, e bebi demasiado.

— Além disso, não comeste o suficiente. Deixo-te com o teu ar.

— Oh, fica. Estou só a tirar um momento, depois podes ficar outra vez com o raio do ar só para ti. — Afastou o cabelo e inclinou a cabeça.

Ele via agora muito bem o rosto dela, os seus olhos, e pensou que, de facto, a rainhazinha estava a caminho de ficar embriagada.

— Vieste cá fora para ter pensamentos profundos? Não consigo decidir se pensamentos profundos requerem um espaço como este, ou se se dão melhor em locais confinados. Imagino que tenhas muitos pensamentos, com tanta coisa que viste.

Ela cambaleou um pouco e riu quando ele lhe segurou o braço, para o soltar logo a seguir.

— Tens tanto cuidado em não me tocar — comentou ela. — A não ser que estejas a salvar-me de morrer ou de ser ferida. Ou a dar cabo de mim nos treinos. Parece-me interessante. Tu, que és um homem de interesses, que achas disto?

— Não acho.

— A não ser daquela vez — continuou ela como se ele não tivesse falado e aproximando-se um passo. — Daquela vez tocaste-me como deve ser e foi bom. Puseste-me as mãos em cima, e a boca. Tenho pensado nisso.

Ele quase deu um passo atrás, e ficou mortificado quando o percebeu.

— Foi para te ensinar uma lição.

— Sou uma estudiosa e adoro as minhas lições. Dá-me mais uma.

— O vinho pôs-te tola. — Ele ficou irritado com o tom empertigado e pomposo da sua própria voz. — Devias ir para dentro e deixar que as tuas damas te metessem na cama.

— Pôs-me tola. Amanhã vou arrepender-me disto, mas é amanhã, não é? Oh, que dia tem sido este para mim! — Ela virou-se lentamente e as suas saias balançaram sobre as pedras. — Foi só esta manhã que caminhei até à pedra? Como pode ter sido? Sinto que carreguei a espada e a própria pedra ao longo do dia. Agora estou a pousá-las, até amanhã. Fui afetada pelo álcool, e daí?

Aproximou-se mais ainda, e o orgulho não o deixou recuar.

— Esperava que dançasses comigo esta noite. Esperava, e perguntei-me como seria tu tocares-me sem ser numa briga, com rudeza ou por engano.

— Não estava com disposição para dançar.

— Oh, e tu és cheio de disposições, pois és. — Ela observou-lhe o rosto atentamente, examinando-o, pensou ele, como faria às páginas de um livro. — E certamente que eu também sou. Estava zangada quando me beijaste. E também um pouco assustada. Neste momento não estou zangada nem assustada. Mas acho que tu estás.

— Agora acrescentas o ridículo à tolice.

— Prova-mo. — Ela cobriu a diferença que faltava e empinou a cara para ele. — Ensina-me uma lição.

Ele não podia ser amaldiçoado por aquilo. Fora amaldiçoado havia muito tempo. Não foi gentil. Não foi terno. Puxou-a para si e quase lhe arrancou os pés do chão antes de a sua boca baixar para saquear a dela.

Saboreou o vinho e o calor — e uma imprudência que não previra. Era um erro, ele sabia-o.

Desta vez, ela estava pronta para ele. Tinha as mãos no seu cabelo, a boca aberta e ávida. Não se encostou a ele rendida, nem estremeceu com a arremetida. Procurou mais.

A necessidade invadiu-o, mais um demónio enviado para o torturar.

Moira maravilhava-se por o ar entre ambos não deitar fumo, por não entrarem ambos numa erupção de chamas. Aquilo era fogo, no sangue e nos ossos.

Como podia ter vivido toda a vida sem aquilo? Mesmo quando ele a soltou e a empurrou, a sensação ficou dentro dela como uma febre.

— Sentiste? — O sussurro dela era cheio de maravilhamento. — Sentiste?

O sabor dela estava agora dentro dele, e tudo nele ansiava por mais. Não respondeu, não disse nada. Deslizou para as trevas e desapareceu antes de ela poder voltar a respirar.



## CAPÍTULO 5

**E**la acordou cedo e cheia de energia. Durante todo o dia anterior arrastara consigo um tal peso, como se este estivesse agrilhado à sua perna. Agora, a corrente partira-se. Não importava que a chuva desabasse de céus cinzentos e maldispostos, que sufocavam o mais pequeno vestígio de Sol. A luz voltara para dentro dela.

Vestiu o que considerava as suas roupas irlandesas — calças de ganga e uma camisola. Passara o tempo da cerimónia e do decoro, e que se lixassem as sensibilidades até ter tempo de voltar a acalmá-las.

Podia ser uma rainha, pensou, enrolando o cabelo numa trança longa, mas seria uma rainha trabalhadora.

Seria uma guerreira.

Atou as botas e amarrou a espada. Reconheceu e aprovou a mulher que viu ao espelho. Era uma mulher com uma finalidade, com poder e conhecimento.

Virando-se, examinou o quarto. O quarto da rainha, pensou. Fora outrora o santuário da sua mãe, era agora o seu. A cama era larga e belamente coberta com veludo azul e rendas brancas como a neve, porque a mãe adorava tudo o que era macio e bonito. As traves eram espessas, de carvalho de Geall polido, com símbolos nacionais profundamente gravados. As pinturas que enfeitavam as paredes também eram dos campos, colinas e florestas de Geall.

Numa mesa perto da cama encontrava-se um pequeno retrato, numa moldura de prata. O pai de Moira zelara pela mãe todas as noites — e zelaria agora pela filha.

Olhou na direção das janelas que davam para o terraço da mãe. As cortinas ainda estavam completamente corridas, e assim as manteria. Pelo menos, para já. Não estava preparada para abrir aquelas portas, pisar as pedras onde a mãe fora assassinada.

Em vez disso, recordaria as horas felizes que passara com ela naquele quarto.

Saiu e foi bater à porta de Hoyt e Glenna. Eles demoraram algum tempo, e ela lembrou-se das horas. Estava para se ir embora, esperando que não a tivessem ouvido bater, quando a porta se abriu.

Hoyt ainda estava a vestir-se. Tinha o longo cabelo negro despenteado e os olhos pesados de sono.

— Oh, desculpa — começou ela. — Não pensei...

— Aconteceu alguma coisa? Há algum problema?

— Não, nada. Não percebi que era tão cedo. Por favor, volta para a cama.

— Que se passa? — Glenna apareceu atrás dele. — Moira? Há algum problema?

— Só com as minhas maneiras. Levantei-me cedo e não pensei que os outros podiam estar na cama, sobretudo depois das festividades da noite passada.

— Não faz mal. — Glenna pousou uma mão no braço de Hoyt, para o fazer chegar-se para o lado. — De que precisavas?

— Só de uma palavrinha em privado contigo. A verdade é que ia perguntar-te se querias tomar o pequeno-almoço comigo na sala de estar da minha mãe... na minha sala de estar, para poder falar-te de uma coisa.

— Dá-me dez minutos.

— De certeza? Não me importo de esperar até mais tarde.

— Dez minutos — repetiu Glenna.

— Obrigada. Vou mandar preparar a comida.

— Ela parece... pronta para alguma coisa — comentou Hoyt quando Glenna se dirigiu à bacia para se lavar.

— Ou outra. — Glenna mergulhou os dedos na água, concentrada. Podia não conseguir tomar um duche, mas diabos a levassem se ia lavar-se com água fria.

Fez o melhor que podia com aquilo de que dispunha, enquanto Hoyt reavivava o lume. Depois, cedendo à vaidade, deu um toque de *glamour*.

— Talvez queira apenas falar do horário do treino de hoje. — Glenna pôs os brincos, que tinha de se lembrar de retirar durante o treino. — Sabes que ela ofereceu um prémio — uma das nossas cruzes — a qualquer uma das mulheres que hoje a deitar abaixo numa competição.

— Foi inteligente da sua parte oferecer um prémio, mas pergunto-me se esse será o melhor uso para a cruz.

— Havia nove — recordou Glenna enquanto se vestia. — Cinco para nós, e para o King, claro, o que fazia seis. As duas que concordámos em dar à mãe e à irmã grávida do Larkin. Tinha de haver um propósito para a nona. Pode ser este.

— Veremos o que o dia nos traz. — Ele sorriu enquanto ela enfiava uma camisola cinzenta pela cabeça. — Como é possível, *a ghrá*, que pareças mais adorável todas as manhãs?

— É porque tens amor nos teus olhos. — Ela entrou no abraço dele quando ele se aproximou, e olhou nostalgicamente para a cama. — Manhã chuvosa. Seria bom ficar enroscada contigo mais uma hora. — Inclinou a cabeça para receber um beijo. — Mas parece que tenho de tomar o pequeno-almoço com a rainha.

Quando Glenna entrou, Moira estava, como era seu hábito, sentada junto da lareira com um livro. Olhou para cima e sorriu humildemente.

— Que vergonha, arrancar-te ao teu marido e à tua cama a uma hora destas.

— Privilégios de rainha.

Com uma gargalhada, Moira apontou uma cadeira.

— A comida já vem. Um dia, se as sementes que trouxe e plantei em vasos florescerem, poderei beber sumo de laranja de manhã. Sinto a falta do seu sabor.

— Eu era capaz de matar por café — admitiu Glenna. — De certa forma, acho que sou. Por café, tarte de maçã, gravadores digitais e todas as coisas humanas. — Sentou-se e observou Moira. — Estás com bom aspeto — concluiu. — Descansada e, como diz o Hoyt, pronta.

— E estou. Ontem tinha tanta coisa na cabeça e no coração, era tudo demasiado pesado. A coroa e a espada eram da minha mãe, e só são minhas agora porque ela está morta.

— E tu ainda não tiveste tempo para fazer um luto a sério.

— Ainda não. Mas sei que ela havia de querer que fizesse como fiz, por Geall, por tudo, e não que me fechasse algures para chorar por ela. E também sentia medo. Que tipo de rainha seria eu, sobretudo numa altura destas?

Com alguma satisfação, Moira olhou para as suas calças e botas grosseiras.

— Bem, sei que género de rainha tentarei ser. Forte, até mesmo feroz. Não há tempo para me sentar num trono a debater questões. A política e o protocolo terão de esperar, não é? Tivemos a nossa cerimónia e a nossa celebração, que eram necessárias. Agora é tempo para a poeira e para o suor.

Levantou-se quando trouxeram a comida. Falou com o rapazinho — ainda ensonado — e com a criada que o acompanhava.

Falou com facilidade, notou Glenna. Tratou ambos pelos nomes enquanto eles dispunham a comida e os pratos. E, embora parecessem ambos perplexos com a indumentária escolhida pela rainha, Moira ignorou-o, dispensando-os com agradecimentos — e ordens para que ela e a sua convidada não fossem incomodadas.

Quando se sentaram juntas, Glenna reparou que Moira, que há dias apenas debicava a comida, comeu com um apetite capaz de rivalizar com o de Larkin.

— Hoje vai estar um tempo terrível para treinar, tudo enlameado — começou Moira, — o que é bom, acho eu. Boa disciplina. Queria dizer que, embora vá participar, e provavelmente o faça todos os dias a partir de hoje, tu e a Blair continuam a ser as responsáveis. Quero que toda a gente veja que estou a treinar, tal como os outros. Que me sujo e fico magoada.

— Pareces ansiosa por isso.

— Pelos deuses, estou mesmo. — Moira serviu os ovos que ensinara a cozinhar como Glenna tantas vezes fizera. Mexidos, com pedaços de fiambre e cebola. — Lembras-te de quando eu e o Larkin chegámos à Irlanda através do Baile? Nove em cada dez vezes, podia espetar uma seta onde quisesse, mas qualquer um de vocês *me* podia espetar de rabo no chão quase sem esforço.

— Levantaste-te sempre.

— Sim, levantei-me sempre. E hoje em dia já não sou tão fácil de derubar. Também quero que toda a gente veja isso.

— Mostraste-lhes uma guerreira quando lutaste e mataste o vampiro.

— É verdade. E agora vou mostrar-lhes um soldado que aceita as suas consequências. E há mais uma coisa que quero de ti.

— Calculei que sim. — Glenna serviu mais chá para ambas. — Desembucha.

— Nunca explorei a magia que tenho. Não é muita, como já viste. Um pouco do dom da cura e uma espécie de poder que pode ser aberto e alcançado por quem tenha mais. Como tu e o Hoyt fizeram. Sonhos. Estudei os sonhos, li livros sobre os seus significados. E também livros de magia, claro. Contudo, parecia-me que não existia um verdadeiro propósito para aquilo que possuía, além de oferecer algum alívio a quem sofresse. Ou uma maneira de saber que direção tomar para encontrar um veado numa caçada. Coisas pequenas. Questões sem importância.

— E agora?

— E agora — repetiu Moira com um aceno de cabeça, — acho que há uma finalidade e uma necessidade. Acho que preciso de tudo o que te-



nho, de tudo o que sou. Quanto mais sei o que há em mim, melhor o uso. Quando toquei na espada, quando pus a minha mão no seu punho, vazou para dentro de mim o conhecimento de que era minha, de que sempre fora minha. E, juntamente com isto, um poder, como um vento forte, soprou para dentro de mim. Mais através de mim, julgo eu. Percebes?

— Perfeitamente.

Acenando outra vez, Moira continuou a comer.

— Negligenciei esta parte porque não era um interesse particular. Queria ler e estudar, caçar com o Larkin, andar a cavalo.

— Fazer as coisas de que uma jovem gosta — interrompeu Glenna. — Porque não havias de fazer aquilo que te agradava? Não sabias o que ia acontecer.

— Pois não. Pergunto-me, se tivesse olhado com mais cuidado, podia ter previsto o que aconteceu?

— Não podias ter salvo a tua mãe, Moira — disse Glenna gentilmente. Moira ergueu o rosto, com os olhos muito límpidos.

— Lês tão facilmente os meus pensamentos.

— Julgo que é porque, no teu lugar, pensaria a mesma coisa. Não podias tê-la salvo. Mais...

— Não era o que estava destinado — concluiu Moira. — Estou a começar a compreendê-lo, dentro do meu coração. Mas, se tivesse explorado aquilo que tenho, teria visto algo do que estava para acontecer. Mesmo que não tivesse feito diferença. Como a Blair, vi o campo de batalha em sonhos. Ao contrário dela, não o enfrentei. Virei as costas. Bem, está feito. Não vou... espera. — Procurou a frase. — Flagelar-me por causa disso. É assim que se diz?

— É.

— Não vou flagelar-me por causa disso. Estou a tentar modificá-lo. Por isso te peço, se conseguires arranjar tempo, que me ajudes a aperfeiçoar o que quer que eu tenha, como aperfeiçoei as minhas capacidades de luta.

— Posso fazê-lo. Adoraria.

— Fico grata.

— Não fiques grata já. Isto implica trabalho. A magia é uma arte e um ofício. E um dom. Mas, em comparação com o teu trabalho físico, não é muito diferente. Também é como um músculo. — Glenna bateu com uma mão no bíceps. — Tens de o exercitar e de o construir. Tal como se diz da medicina, a magia é um trabalho que nunca está acabado.

— Cada arma que eu levar para a batalha será mais um golpe contra o inimigo. — De sobranceiras erguidas, Moira fletiu o braço. — Construirei esse músculo como construí este, o mais forte que puder. Quero esmagá-la, Glenna. Mais do que derrotá-la, quero esmagá-la. Por muitas razões. Os

meus pais. O King O Cian — acrescentou após uma pausa. — Ele não gostaria de saber que o vejo como uma vítima, pois não?

— Ele não se vê assim.

— Não, recusa-se a fazê-lo. É assim que ganha força, à sua maneira. Construiu a sua... não posso dizer paz, pois ele não é do tipo pacífico, não achas? Mas aceitou a sua carga. Acho que, de certa forma, a abraçou.

— Diria que o conheces muito bem, tanto quanto é possível.

Moira hesitou, arrumando a comida que lhe sobrava no prato.

— Beijou-me outra vez.

— Oh. Oh. — E, após uma pausa: — Oh.

— Obriguei-o.

— Sem menosprezar o teu encanto ou poderes, não me parece que alguém possa obrigar o Cian a fazer alguma coisa que ele não queira.

— Talvez quisesse, mas não ia fazê-lo até eu o forçar. Eu tinha bebido um bocado.

— *Hum.*

— Não que me tivesse feito muito mal — disse Moira com uma gargalhada que denunciava algum nervosismo. — Na verdade não. Só estava com as minhas maneiras um pouco soltas, por assim dizer, e com a mente mais determinada. Queria apanhar ar e ter um pouco de sossego, por isso subi até uma das ameias. E lá estava ele.

Reviu a cena.

— Ele podia ter ido para qualquer lado, e é claro que eu também podia ter escolhido outro sítio. Nenhum de nós o fez, e acabámos ambos no mesmo lugar, à mesma hora. À noite — contou ela baixinho. — Onde as luzes e a música mal nos alcançavam.

— Romântico.

— Acho que foi. A chuva que viria mesmo antes da madrugada começava a aromatizar o ar, havia uma pequena fatia da Lua muito branca a destacar-se do céu. Existe nele um mistério que quero continuar a tentar decifrar até reunir as peças todas.

— Não serias humana se não o achasses fascinante — disse Glenna. Ambas sabiam aquilo que ela não dissera. Ele não era. Ele não era humano.

— Ele estava todo empertigado, como consegue ser comigo, e isso foi irritante. E, bem, admito-o, provocador. Ao mesmo tempo... Acontece-me por vezes, quando estou com ele. Da mesma forma que o conhecimento, ou a magia. Uma coisa que sobe. — Levou uma mão à barriga, depois fê-la subir em direção ao coração. — É uma coisa que sobe do centro de mim. Nunca tive sentimentos fortes, desta forma, por um homem. Pequenos formigueiros no estômago, percebes? Confortáveis e interessantes, mas não fortes ou quentes. Há alguma coisa nele que me atrai. Ele é tão...

— *Sexy* — terminou Glenna. — Até ao nível do escândalo.

— Eu queria saber se seria como fora da outra vez, a única vez, quando ambos estávamos tão zangados e ele me dominou. Disse-lhe para o fazer novamente, e não admitiria um não por resposta. — Inclinou a cabeça, como se tentasse decifrar um enigma. — Sabes, acho que o pus nervoso. Vê-lo um pouco nervoso e a tentar não o estar, foi para mim tão intoxicante como o vinho que bebera.

— Santo Deus, sim. — Com uma longa inspiração, Glenna pegou no chá. — Deve ter sido.

— E quando ele me beijou, foi como da outra vez, mas mais. Porque eu o esperava. Naquele momento, sei que o Cian estava tão seduzido como eu.

— Que queres dele, Moira?

— Não sei. Se calhar, só aquele calor, só aquele poder. Aquele prazer. É errado?

— Não sei dizer. — Mas estava preocupada. — Ele nunca te poderá dar mais. Tens de compreender isso. Não ficará aqui e, mesmo que ficasse durante algum tempo, nunca poderias ter uma vida com ele. Estás a pisar terreno perigoso.

— Todos os dias, a partir de agora até ao Samhain, são terreno perigoso. Sei que o que dizes é de um sólido bom senso, mas na minha mente e no meu coração, eu quero-o. Preciso que ambos se acalmem um pouco antes de saber o que fazer a seguir. Só sei que não quero ir para a batalha a fugir disto, apenas porque tenho medo do que possa ser ou não ser.

Depois de um momento de reflexão, Glenna suspirou.

— Pode ser de um sólido bom senso, mas duvido muito que seguisse o meu próprio conselho se estivesse no teu lugar.

Moira estendeu o braço e pegou na mão de Glenna.

— Poder falar com outra mulher, ajuda. O simples facto de poder dizer a outra mulher o que me vai na cabeça e no coração.

Noutra parte de Geall, numa casa amortalhada contra qualquer laivo, por mais ínfimo, de luz, duas outras mulheres estavam sentadas a conversar.

Era o fim do seu dia, e não o princípio, mas partilhavam uma refeição tranquila. Tranquila, porque o homem do qual bebiam se encontrava para além da capacidade de protestar ou de lutar.

— Tinhas razão. — Lora recostou-se, limpando delicadamente o sangue dos lábios com um pano de linho. O homem estava acorrentado à mesa, entre ambas, pois Lilith queria que a sua companheira ferida se

sentasse, em vez de ficar na cama a beber por chávenas. — Levantar-me e cometer um assassinato civilizado, era do que eu precisava.

— Estás a ver? — Lilith sorriu, satisfeita.

A cara de Lora ainda estava muito queimada. A água benta que a cabra da caçadora de demónios lhe atirara, causara-lhe danos terríveis. Mas Lora estava a sarar, e aquela boa refeição fresca ajudá-la-ia a recuperar as forças.

— Gostava que comesses um pouco mais.

— Já como. Tens sido tão boa para mim, Lilith. E eu falhei-te.

— Não falhaste. Era um bom plano, e quase funcionou. Tu é que pagaste um preço muito alto. Não suporto pensar nas dores que sofreste.

— Sem ti, teria morrido.

Tinham sido amantes e amigas, concorrentes e adversárias. Durante quatro séculos, tinham sido tudo uma para a outra. Mas os ferimentos de Lora, o facto de ter estado tão perto da morte, aproximara-as mais que nunca.

— Até seres ferida, não sabia o quanto precisava de ti e te amava. Vamos, querida, come um pouco mais.

Lora obedeceu, tomando o braço flácido do homem e mergulhando-lhe as presas no pulso.

Antes das queimaduras, ela fora bonita, uma loira cheia de juventude, com um estilo arrogante. Agora, o rosto dela estava vermelho e em carne viva, pejado de feridas meio saradas. Mas o brilho vidroso da dor desvanecera-se dos seus olhos azuis e a voz voltava-lhe com força.

— Foi maravilhoso, Lilith. — Ela voltou a recostar-se. — Mas não consigo beber nem mais uma gota.

— Então vou mandar retirá-lo e sentamo-nos um pouco à lareira antes de irmos para a cama.

Lilith tocou um sininho de ouro, indicando a uma das criadas que tirasse a mesa. Sabia que as sobras não iriam para o lixo.

Levantou-se para ajudar Lora a atravessar a sala até ao sofá, onde já dispusera almofadas e uma manta.

— Mais confortável que as grutas — comentou Lilith. — Mesmo assim, ficarei contente quando sairmos deste lugar, para um alojamento apropriado.

Instalou Lora antes de se sentar, majestosa no seu vestido vermelho, o cabelo penteado ao alto e enfeitado a ouro, pois queria que o serão tivesse um toque de *glamour*.

A sua beleza não diminuía nos dois mil anos que tinham passado desde que morrera.

— Tens dores? — perguntou a Lora.

— Não. Sinto-me quase eu própria. Desculpa ter-me comportado tão infantilmente ontem de manhã, quando aquela puta nos sobrevoou no seu ridículo homem-dragão. Revê-la trouxe-me tudo à memória, todo o medo, toda a agonia.

— Mas fizemos-lhe uma surpresa, não fizemos? — Num gesto tranquilizador, Lilith alisou a manta em torno de Lora. — Imagina o choque que sentiu quando as setas dela bateram na proteção do Mídir. Fizeste bem em me convencer a não o matar.

— Da próxima vez que a vir, não hei de chorar nem esconder-me debaixo dos cobertores, como uma criança assustada. Da próxima vez que a vir, ela morrerá às minhas mãos. Juro-o.

— Ainda tens vontade de a transformar, de fazer dela uma companheira de brincadeiras?

— Nunca concederia uma tal dádiva a essa puta. — A boca de Lora contorceu-se. — De mim, terá apenas a morte. — Depois, com um suspiro, deitou a cabeça no ombro de Lilith. — Ela nunca teria sido o que tu foste para mim. Pensei divertir-me um pouco com ela. E acho que podia ser divertida para ambas, na cama — toda aquela energia e violência no seu interior era tão atrativa. Mas nunca poderia amá-la como a ti.

Empinou a cabeça para que os seus lábios se encontrassem num beijo longo e doce.

— Sou tua, Lilith. Eternamente.

— Minha menina doce. — Lilith deu mais um beijo na têmpora de Lora. — Sabes, a primeira vez que te vi, sentada, sozinha e a chorar nas ruas escuras e húmidas de Paris, soube que serias minha.

— Eu achava que amava um homem — murmurou Lora. — E que ele me amava. Mas ele usou-me, rejeitou-me, trocou-me por outra. Pensei que tinha o coração partido. E depois, tu estavas ali.

— Lembras-te do que te disse?

— Nunca o esquecerei. Disseste: «Minha querida rapariga triste, estás sozinha?» Respondi-te que a minha vida acabara, que, de manhã, estaria morta de desgosto.

Lilith riu e acariciou o cabelo de Lora.

— Tão dramática. Como poderia resistir-te?

— Ou eu a ti. Eras tão bonita — como a rainha que és. Usavas vermelho, como esta noite, e o teu cabelo era tão brilhante, cheio de caracóis. Levaste-me para tua casa, deste-me pão e vinho, ouviste a minha história triste e secaste-me as lágrimas.

— Eras tão jovem e encantadora. Tinhas tanta certeza de que aquele homem que te deixara era a única coisa que podias querer na vida.

— Já nem me lembro do nome dele. Nem da cara.

— Vieste para os meus braços com tanta vontade — murmurou Lolith. — Perguntei-te se querias ficar jovem e encantadora para sempre, se querias ter poder sobre os homens como o que te magoara. Disseste e repetiste que sim. Mesmo quando te provei, apertaste-me com força e voltaste a dizer sim, sim.

Vestígios de vermelho manchavam o branco dos olhos de Lora, ao recordar aquele momento magnífico.

— Nunca me sentira tão excitada.

— Quando bebeste de mim, amei-te como não amara ninguém.

— E quando voltei à vida, trouxe-te-mo, para que o que me desdenhara fosse a minha primeira vítima. Partilhámo-lo, como partilhámos tanta coisa.

— Quando chegar o Samhain, partilharemos tudo.

Enquanto os vampiros dormiam, Moira estava no campo de jogos, suja e encharcada. A anca latejava-lhe por causa de um golpe que a apanhara desprevenida, e ainda respirava com dificuldade devido à última luta.

Sentia-se maravilhosa.

Estendeu uma mão para ajudar Dervil a levantar-se.

— Portaste-te muito bem — disse-lhe. — Quase me derrotavas.

Estremecendo, Dervil esfregou as nádegas amplas.

— Não me parece.

De mãos nas ancas, a cabeça coberta por um chapéu de couro de aba larga e agora encharcado, Glenna supervisionava ambas.

— Desta vez, aguentaste-te mais tempo de pé, e também te levantaste mais depressa. — Fez um aceno de aprovação a Dervil. — Melhorias. Por aquilo que me disseram, há vários homens do outro lado deste campo que serias capaz de deitar ao chão.

— Há vários homens do outro lado deste campo que ela *deitou* ao chão — gritou Isleen, provocando muitas gargalhadas sonoras.

— E sei o que fazer com eles quando os deito ao chão — retorquiu Dervil.

— Coloca alguma dessa energia no teu próximo combate — sugeriu Glenna — e poderás vencê-lo em vez de acabar na lama. Terminaremos com um pouco de prática de arco, e daremos o dia por concluído.

Quando as mulheres reagiram com alívio por a sessão estar quase terminada, Moira abanou a mão.

— Ainda não defrontei a Ceara em corpo a corpo. Guardei para o fim aquela que me disseram ser a melhor. Para que eu possa sair do campo como uma verdadeira campeã.

— Convencida. Gosto disso — disse Blair, caminhando através da lama e da chuva. — As armas estão a avançar — acrescentou. — Aumentámos a produção. — Inclinou a cabeça para trás. — Deixem que vos diga, esta chuva sabe mesmo bem depois de umas horas com uma bigorna e uma forja. Então, qual é a pontuação aqui?

— A Moira derrubou todas as participantes, com espada e em corpo a corpo. Desafiou a Ceara para uma luta antes de passarmos aos arcos, para terminar.

— Muito bem. Posso levar um grupo para os alvos enquanto vocês terminam aqui.

Houve imediatos e sonoros protestos das mulheres, ansiosas por verem o último combate.

— Sede de sangue. — Blair fez um aceno de aprovação. — Isso também me agrada. Muito bem, senhoras. Abram espaço. Em quem apostas? — murmurou para Glenna enquanto as duas mulheres se colocavam em posição.

— A Moira está quente e motivada. Hoje fartou-se de treinar. Aposto nela.

— Eu aposto na Ceara. É astuta e não tem medo de apanhar. Olha — acrescentou quando Ceara se estatelou de cara na lama e voltou a levantar-se para atacar.

Simulou, rodopiou no último minuto, depois levantou um pé para apanhar Moira a meio do corpo. A rainha devolveu o golpe, conseguiu recuperar o equilíbrio e esquivou-se ao golpe seguinte. Atacou duramente, atirando Ceara por cima do ombro. Porém, quando se virou, não a viu estendida no chão, pois Ceara segurara-se com as mãos e, golpeando com os pés, atirou Moira para a lama.

Moira levantou-se rapidamente e com um brilho nos olhos.

— Estou a ver que a tua reputação não foi exagerada.

— Quero o prémio. — Ceara agachou-se e rodou. — Aviso-vos.

— Nesse caso, vem buscá-lo.

— Boa luta — comentou Blair ao ver voar punhos, pés e corpos. — Ceara, mantém os ombros erguidos!

Glenna chamou a atenção de Blair com o próprio ombro.

— Nada de treino da bancada. — Mas sorria, não só porque era uma batalha boa e forte, mas porque também as outras mulheres gritavam conselhos.

Tinham-se transformado numa unidade.

Moira caiu para trás, abriu as pernas e tirou os pés de Ceara de debaixo do corpo. Quando voltou a erguer-se, num círculo para agarrar a adversária, Ceara atirou-a por cima da cabeça.

Houve alguns ruídos de simpatia quando Moira aterrou com um matraquear de ossos. Antes de conseguir levantar-se, Ceara estava sentada em cima dela, um cotovelo na garganta e um punho no coração.

— Cravei-vos uma estaca.

— Diabos me levem, é verdade. Sai de cima de mim, por amor dos deuses, estás a esmagar-me os pulmões.

Engoliu a respiração enquanto se debatia para sentar o corpo ainda vibrante. Ceara deixou-se simplesmente cair e ficou sentada na lama ao lado dela, as duas ofegantes e olhando uma para a outra.

— És uma grande cabra em batalha — disse Moira após um momento.

— O mesmo para vós, com todo o respeito, minha senhora. Agora tenho nódoas negras por cima de nódoas negras, e altos por cima delas.

Moira limpou alguma lama do rosto com as costas da mão.

— Eu não estava fresca.

— É verdade, mas tinha-vos derrubado ainda que o estivésseis.

— Acho que tens razão. Ganhaste o prémio, Ceara, e justamente. Sinto orgulho por me teres levado a melhor.

Ofereceu-lhe a mão e, depois de a apertar, ergueu-a bem alto.

— Eis a campeã do corpo a corpo.

Houve aplausos e abraços, à maneira das mulheres, embora Moira recusasse a mão que Ceara lhe oferecia para a ajudar a levantar-se.

— Vou ficar aqui sentada mais um minuto, a recuperar o fôlego. Vá, vai buscar o teu arco. Com isso, nem tu nem ninguém me leva a melhor.

— Levá-íamos, se tivéssemos mil anos. Vossa Majestade?

— Sim? Oh, Deus, não será fácil sentar-me durante uma semana — acrescentou, esfregando a anca magoada.

— Nunca tive mais orgulho na minha rainha.

Moira sorriu para si mesma e deixou-se ficar sentada, contando as suas dores. O seu olhar foi atraído para o lugar onde estivera com Cian na noite anterior.

E ali estava ele na penumbra, à chuva, olhando-a. Conseguia sentir a força dele através da distância, o encanto que exsudava, pensou ela, como nenhum outro homem.

— Para onde estás a olhar? — disse para si mesma. — Diverte-te veres-me de rabo na lama?

Provavelmente, concluiu, e quem poderia censurá-lo? Imaginava que devia estar numa bela figura.

— Teremos o nosso próprio combate, acho eu, mais cedo ou mais tarde. Então, veremos quem leva a melhor.

Pôs-se de pé e cerrou os dentes contra a necessidade de coxear. Conseguiu afastar-se com segurança e sem olhar para trás.